



PREFEITURA DE
PATO BRANCO



Histórias Contadas

AUGUSTINHO ZUCCHI

Prefeito de Pato Branco

ROBSON CANTU

Vice-Prefeito de Pato Branco

ANNE CRISTINE GOMES DA SILVA CAVALI

Secretária Municipal de Assistência Social

ANUSKA MARIA DE SÁ GUDOSKI

Diretora do SUAS

CARLOS HENRIQUE GALVAN GNOATTO

Coordenador da Proteção Social Básica

ALBINA ZENAIDE VEIGAS GERON

Coordenadora do Espaço de Convivência da Pessoa Idosa (Centro Dia)

ELABORAÇÃO

Albina Zenaide Veigas Geron

Aline Aparecida Bonamigo

Aline Freitas de Moraes

Anuska Maria de Sá Gudoski

Carlos Henrique Galvan Gnoatto

Cristiane Biscoli Serpa

Fernanda Martins

Jéssica de Bortoli Pagnoncelli

Juliana Antunes Gujerrieri Westendorff de Oliveira

Maria Luiza Barbieri

Michelli Cristiani Michalichen

Mylena Barbieri

Waleska Pacios

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO

Carlos Henrique Galvan Gnoatto

Michelli Cristiani Michalichen

Histórias Contadas – dezembro de 2019

Prefeitura Municipal de Pato Branco

Secretaria Municipal de Assistência Social

Palavra da Secretária,

É com satisfação que escrevo em poucas palavras o meu sentimento de alegria com a elaboração deste documento que contempla os registros de vida dos idosos que participam das atividades do Espaço de Convivência da Pessoa Idosa - Centro Dia de nosso Município. Nosso papel de estarmos juntos diariamente com os idosos nos faz aprender e avaliar quão é importante o sentido da vida. Acredito que temos papel fundamental de ofertarmos ações e projetos que valorizem a pessoa idosa e que, mesmo com limitações que o processo de envelhecimento traz, é possível proporcionar momentos e vivências que exprimem o sentimento de amor e proteção.

O Espaço de Convivência da Pessoa Idosa, enquanto equipamento público de atendimento aos idosos, retrata o valor imensurável que a pessoa idosa representa para o Município e para a sociedade, reiterando a característica de vivacidade no limiar da velhice e da plenitude da sabedoria e experiência. Os 47 registros de vida abrangem uma gama de informações "escondidas" no coração de cada idoso, relatadas em papel, porém recheado de emoção.

A filósofa Simone de Beauvoir menciona que " a velhice é a paródia da vida" e com essa citação afirmo da excelente riqueza que há no processo de envelhecimento, seu significado e sua essência. No entanto, essa riqueza é expressa em cada página desse livro, proporcionando conhecer os passos de vida de cada idoso, com quem tenho orgulho de proporcionar momentos de descontração, entretenimento e conhecimento.

Anne Cristine Gomes da Silva Cavali

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Abrelina Maria Rossi Faccini.....	8
Adelino Mariano.....	8
Adelio de Freitas.....	8
Adiles Pozza.....	8
Afonso Pagnoncelli.....	8
Augusta Santiago Correia.....	8
Alzira Nogueira de Paula.....	8
Carlos Luiz Dellamaria.....	8
Carminha Terezinha Corazza.....	8
Catarina Ening de Oliveira.....	8
Claudete Dalmolin de Mello.....	8
Darciria Alves dos Santos.....	8
Diva Rita Antunes.....	8
Edenir Cabral Ribeiro.....	8
Eva Farias D'Avila.....	8
Geni Rodrigues de Oliveira.....	8
Ignez Kaminski.....	8
Inésia Soares da Silva.....	8
Irene Manssi Camphonhone.....	8
Irma Serena Therezinha Dandoline.....	8
Jacira da Luz.....	8
José Mafer.....	8
João Pacheco Ciqueira.....	8
Lorena Terezinha Bortot.....	8
Lory Valentina Silveira.....	8
Manuel Carlos de Oliveira.....	8
Maria Ana Fratta.....	8
Maria Aparecida Pereira.....	8
Maria de Lurdes Barbosa.....	8
Maria Iraci Sousa de Farias.....	8
Maria José Vasconcelos.....	8
Maria Stral de Freitas.....	8
Maria Luz Trauthmam.....	8
Marli Terezinha da Costa.....	8
Matilde Zeferino Gomes.....	8
Miguelina Martins Guimarães,.....	8
Natalino Antônio Andrade.....	8
Nelcinda Nogueira.....	8
Nilva Terezinha Seni dos Passos.....	8
Oralice de Souza Ribas.....	8

Pelvino Rissono 8
Santina Dias 8
Servina Francisca dos Santos 8
Severino Rodrigues 8
Sueli Bernardete Rosenbrock 8
Valdemar Schermer 8
Vicente Augusto Makcnovixz Peretto 8
Vidalvina Carneiro..... 8

INTRODUÇÃO

O Centro Dia tem a finalidade de realizar o atendimento diário aos idosos de nosso Município. O respectivo espaço apresenta um grande significado na vida destes, pois cada detalhe, cada gesto e cada idoso possui particularidades e singularidades que fazem a diferença no Espaço de Convivência da Pessoa Idosa. Por esse motivo que registramos neste documento as vivências e registros de vida dos idosos que enfatiza seu principal objetivo do espaço de ofertar um ambiente harmônico, acolhedor que transmite a essência do envelhecimento, traduzido pelo sentimento de amor e respeito.

O espaço de convivência da pessoa idosa vem nesta gestão aprimorando suas ações, culminando no aumento da capacidade de atendimento, a mudança da estrutura física que comporte ambientes amplos que proporcionam a acessibilidade, variedade de atividades artísticas e lúdicas que abordam a socialização e o fortalecimento das relações sociais dos idosos.

A atual gestão, sob o comando do Prefeito Augustinho Zucchi e da Secretária de Assistência Social, Sra. Anne Cristine Gomes da Silva Cavali tem proporcionado a disseminação de ações proativas, demonstrando a preocupação do Poder Público em assegurar aos idosos um olhar integral.

Enfatiza-se que o presente documento integra o rol de metas estabelecidas no Plano de Ação Cidade Amiga do Idoso, contando com a participação de parceiros como o Rotary Club e Interact Club, integrantes estes que nos auxiliaram no desenvolvimento desses registros, bem como a coordenação do Espaço de Convivência à Pessoa Idosa e sua equipe de trabalho.

Nesse sentido, os registros de vida dos idosos é uma estratégia de ação que reitera o papel da Secretaria de Assistência Social em ofertar atividades que ressignifiquem o cotidiano dos idosos, transmitindo o inconfundível valor que eles possuem para a sociedade de modo geral.



Abrelina Maria Rossi Faccini, tem 94 anos, nasceu em 26 de março de 1925, no Rio Grande do Sul. Filha de Armando Rossi e Maria Viganó.

Minha infância e adolescência não foi uma das mais fáceis. Aos 17 anos casei com Pedro Faccini, no dia 04 de março de 1943, no Município de Lagoa Vermelha/RS.

Mudei junto com meu esposo Pedro para o município de Pato Branco, onde o desafio ainda foi maior, recebemos a proposta de ir morar nas terras do Governo. A proposta foi aceita, e iniciava uma nova etapa em minha vida.

Construímos uma casa, feita de madeira de pinheiro, tudo feito à mão, desde o tombo da árvore até o corte das tábuas para a construção. Essa casa carinhosamente chamei de ranchinho, vivi nela por 50 anos.

Com o tempo meu esposo decidiu fazer a construção da igreja da comunidade e junto com ela à escola, que atendia as crianças na Comunidade Tiradentes e arredores, o nome da Igreja foi concedido de Santo Antônio.

Minha vida foi muito sofrida, desde nova trabalhei muito. No início da leiteria, cheguei a produzir e vender até duzentos quilos de queijo, toda a produção era feita somente por mim, desde ordenhar as vacas até a fabricação do queijo.

Vivi em um casamento não muito harmonioso, e me sentia como se estivesse enforcada, pois quando namorávamos, nossa relação era uma, após o casamento meu esposo demonstrou ser outro homem, uma pessoa mais rude e nada compreensível. Faz alguns anos que meu esposo faleceu, cuidei dele até o último dia de vida, cumprindo assim meu papel e exemplo de boa esposa.

Dessa relação tive vários filhos, no total de doze, sendo eles: Nerci (*in memoriam*), Zelinde (*in memoriam*), Naira, Dorvalino (*in memoriam*), Lourdes, Otilia, Valdir, Paulo (*in memoriam*), Izaltino (*in memoriam*), Odila (*in memoriam*), Terezinha e Dirceu. Alguns deles residem próximos, outros bem longe, como minha filha que mora no Mato Grosso.



Hoje tenho mais de 80 netos, vários bisnetos e dois tataranetos. Alguns netos e bisnetos infelizmente ainda não conheço devido à distância.

Tenho uma lembrança muito boa da infância, quando minha mãe ensinou crochê para mim e minhas irmãs, com a luz de vela e ao redor do fogão a lenha.

Com esse aprendizado de minha mãe, muitos vestidos, jogos de crochê, colchas e até vestido de noiva confeccionei, rendendo assim um lucro para ajudar nas despesas da casa e tenho orgulho de ter ensinado as minhas filhas essa herança que minha mãe me deixou.

Meus filhos Dirceu e Odila, me aprontaram junto com os demais filhos uma festa surpresa dos meus Oitenta anos, onde conseguimos reunir todos os filhos, netos e bisnetos, fiquei orgulhosa dessa atitude deles.

Cantei muito para os meus filhos para dormirem, e lembro até hoje da cantiga: “Durma neném, durma meu bem, papai foi pra roça e mamãe logo vêm”.



“Nunca desistam das coisas, por mais difícil que elas sejam, olhe sempre para os bons exemplos”.

Abrelina Maria RossiFaccini

Abrelina participa desde o dia 07 de março de 2016 do Centro Dia. Ela é sempre muito querida, carinhosa, brincalhona, tranquila e gosta de fazer crochê na companhia de uma amiga.



Adelino Mariano,

nascido dia 28 de agosto de 1963 filho de Batista Mariano e Placedina Bandeira, os quais tiveram mais 8 filhos sendo: Avori José, Alberto, Nene, Tereza, Maria, Salete Helena, Clarinda, Vina.

Minha infância até os nove anos foi na cidade de Campo Erê/SC, infelizmente em um determinado momento de minha vida tive uma discussão com meu padrasto e fui embora para cidade do Rio do Sul, também em Santa Catarina, lá trabalhei como engraxate e depois fui cuidar de um jogo de bolão.

Ao retornar na cidade de Campo Erê/SC, conheci minha esposa, Neli Barcelos de Oliveira, casamos e moramos na cidade de Marmeleiro, dessa união nasceu Janaina, nossa única filha, hoje ela é casada e mora na cidade de Maravilha/SC, seu esposo se chama Elias Alves do Amaral. Neste ano completamos 35 anos de casados.

Adelino participa desde o dia 15 de outubro de 2019, no Espaço de Convivência do Idoso.

“Viver é não ter vergonha de ser feliz”.
Adelino Ribeiro



Adelio de Freitas, 74 anos, nascido na comunidade de Bela Vista, em Pato Branco no dia 22 de janeiro de 1945, filho de Davi Gonçalves de Freitas e Aureliana Veigas de Freitas, somos 7 filhos, eu e 6 irmãs.

Na minha infância trabalhei muito na roça, carpiava muitos lotes, mas o que adorava era as brincadeiras de carrinho de roda de madeira.

Tínhamos muita dificuldade de comprar alguns produtos pois era muito difícil o nosso deslocamento, íamos de carroça ou a pé, sempre “dávamos um jeito”, o local era distante. Cuidei muito de meu pai que teve amarelão, e depois de algum tempo veio a falecer.

Minha esposa se chama Maria e este ano vamos completar 55 anos de casados. Ela era minha vizinha, e antes de namorar íamos para a janela e ficávamos olhando um pro outro, até que um dia nosso amigo Aurides, levou um relógio para Maria e depois eu fui pegar e começamos a conversar, tínhamos 19 anos na época.

Casamos e tivemos 7 filhos, todos nascidos de parteira, para criá-los tivemos algumas dificuldades, a escola era longe e eles tinham que ir a pé, eles sempre foram e serão nossa companhia.

Com o passar dos anos, nossa vida melhorou, adquirimos o engenho de cana para a fabricação de açúcar e melado, também tínhamos galinha, porco, banha e verduras. Vendemos nossa terra e há 37 anos moramos na cidade.



Sempre fui um homem honesto e trabalhador, na época era charme fumar, mas eu não consegui, até levava os cigarros no bolso, e de beber, nunca senti falta.

Hoje vejo a diferença entre hábitos, antigamente as pessoas costumavam se visitar, e agora devido ao trabalho e a preocupação diária, perderam o costume das visitas.

“Sem estudo ninguém vive”.
Adelio de Freitas

Adelio participa desde o dia 2 de agosto de 2017, no Espaço Centro Dia, é muito participativo, extrovertido.

Momentos do Espaço de Convivência:
Encerramento das atividades no ano de 2017





Adiles Pozza, nasceu em Maximiliano de Almeida em Lagoa Vermelha/RS, no dia 25 de Janeiro 1936, filha de Ericieri Bertoline e Angela Bertolile Caus, os quais tiveram mais onze filhos, sendo eles: Reinaldo (*in memoriam*), Olanda (*in memoriam*), Otília, Adiles, Eulália (*in memoriam*), Maria (*in memoriam*), Fermino (*in memoriam*), Antônio, Onéximo, Elsa e Valdira.

Na infância e na adolescência tínhamos poucos amigos, brincávamos entre irmãos. Conheci meu esposo na comunidade religiosa,

casei-me no dia 26 de abril, dessa união nasceu a nossa filha Cleudes, no dia 17 de agosto. Me lembro de quando ela era pequena, obediente e carinhosa, íamos sempre juntos na igreja.



Aos 20 anos de idade minha filha casou-se na mesma igreja e que eu me casei, São Pedro Apostolo, nesse dia me senti muito abençoada e feliz ao ver ela realizar seu sonho.

Minha filha, junto com seu esposo Osni, me presentearam com uma linda neta, que se chama Débora, ela chegou há 28 anos em nossas vidas e realmente é um presente de Deus.



Diversas vezes lembro de minhas caridades, com muito carinho dos trabalhos que realizava como voluntária, em várias ocasiões ajudei o próximo e fiz de coração.

Inúmeras vezes fui até a Secretaria de Assistência Social buscar roupas e alimentos para ajudar aquele que estava precisando, onde havia uma família necessitando de algo eu prontamente auxiliava e isso me deixava realizada e feliz.

Hoje percebo que não consigo mais realizar esse trabalho, o que me deixa muito chateada, e também fico triste por não conseguir mais morar sozinha o

Centro Dia é para mim um lugar onde me sinto bem, por isso venho sempre, aqui fiz vários amigos, no início eu fazia os exercícios, com o passar dos dias me sinto mais fraca e tenho dores e as vezes não consigo participar das atividades, então fico conversando com os meus amigos.

“As pessoas precisam ser honestas e falar sempre a verdade”.

Adiles Pozza

Adiles participa no Centro Dia 22 de agosto de 2017, faz amizades com facilidade, gosta de conversar com as pessoas que visitam o espaço, é uma pessoa muito querida e se preocupa com os outros, essa é uma das qualidades dela.

Momentos do Espaço de Convivência:

Atividade Intergeracional “Laços de Ternura”, com as crianças da FUNDABEM.





Afonso Pagnoncelli nascido em 24 novembro de 1936, com 82 anos de idade, natural do Rio Grande do Sul, cidade Nova Roma do Sul. Filho de Dona Catarina Belini e Seu João Pagnoncelli, os quais tiveram 7 filhos, sendo dois filhos homens Afonso (eu), Severino e cinco mulheres: Dorvalina, Onorina, Leondina, Deonilda, Jandira.

Me casei aos 24 anos e minha esposa se chama Rosa Picoloto, tivemos 4 filhos, 3 filhos homens, Geraldo, Jandir, Vilson e uma filha mulher, Marlene. Meus filhos me presentearam com 7 netos.

Fui professor e agricultor, procurava conciliar as duas coisas, lecionei em escola multisseriada no interior de Pato Branco em São João Batista, Passo da Ilha e São Caetano. Percebo a diferença que existe entre minha época e hoje, antigamente os alunos respeitavam, obedeciam, e tinham outra postura perante os seus educadores.

Fico triste porque na minha época as coisas eram muito melhores com relação aos valores, fui um professor dedicado, procurava sempre ensinar as coisas certas.

Morava longe da escola, ia à pé dar aula, e a noite lecionava no mobral (alfabetização de adultos), fazia esse trajeto a cavalo porque era escuro e o cavalo a noite enxerga melhor, tinha alunos de várias idades, cheguei a ter 40 alunos de 1º ao 4º ano, todos filhos de pessoas conhecidas, vizinhos, compadres e parentes.



Não havia variedade de materiais para ensinar igual a hoje, de acordo com a possibilidade dos pais, eles adquiriram, já aqueles que não tinham condições a prefeitura fornecia, logo, um passava para o outro, conforme o andamento da série. Algumas vezes eu pedia para os alunos da 3º e 4º série ajudarem seus colegas que tinham mais dificuldade. Gostava de ser professor, tenho saudades de lecionar.



Recordo quando eu era aluno, gostava muito de pintar, hoje no Espaço estou voltando àqueles momentos da minha infância, pintando, faço os quadros, que aprendi aqui, brinco, canto e danço e alegre meus colegas.

Sua nora Elisângela veio até o Centro Dia, para contar a situação em que seu Afonso se encontrava, o qual estava em casa sozinho e triste. Desde o momento em que começou a frequentar o espaço, percebemos uma transformação positiva que as atividades proporcionaram na vida dele.

Afonso participa desde o dia 20 de fevereiro de 2019 participa das atividades no Centro Dia. É uma pessoa extremamente sensível e detalhista nas coisas que faz, gosta de participar das atividades propostas pela equipe.

Momentos do Espaço de Convivência: DiAtivo 2018





Augusta Santiago Correia, filha de João Matias Felipe Santiago e Hortência Santiago os quais tiveram 3 filhas: Hortência Barbosa, Eva Santiago Barbosa, Maria de Jesus e Santiago Forte.

Desde que nasci morei no Rio Pinheiro município de Mariópolis, com 17 anos aprendi minha profissão, minha professora Lídia Martins veio de Porto União para dar aula de costura éramos em 22 alunas, ela nos ensinou através de moldes, cortar e costurar “era muito legal” (sic).

Após minha formatura costurei muito, pois na minha localidade era a única costureira, inclusive confeccionei 8 vestidos de noiva, ficaram lindos, na época o modelo usado era chamado “Ponche” feito com dois godês juntos ficou maravilhoso. Eu me sentia muito feliz e realizada ao ver os olhos das noivas brilharem quando seus vestidos estavam prontos.



Quando me casei, foi minha amiga Aurora Teles, quem fez o meu vestido de noiva, pois a noiva não podia costurar seu próprio vestido “dava azar” (sic), por esse motivo ela confeccionou, ficou lindo, o tecido era maravilhoso e minha amiga caprichou! Hoje ela mora em Curitiba e de vez em quando ela vem nos visitar e relembramos momentos daquela época, uma pena não ter nenhuma foto do meu casamento e nem dos vestidos que fiz.

Conheci meu marido José Correia em uma festa na comunidade de São Sebastião, namoramos oito meses e casamos no dia de 26 de novembro de 1960. Dessa união tive duas gestações, mas infelizmente nenhuma das crianças sobreviveram, foram momentos de muita angustia e tristeza.

Em 20 de julho de 1964 foi o dia mais lindo e maravilhoso de minha vida, nasceu minha encantadora filha do coração, Eliane, que veio preencher o vazio que existia trazendo alegria e vontade de viver, até os dias de hoje esse sentimento existe em mim.

Ela cresceu saudável, amada e querida, sempre me cuidou, principalmente quando precisei de uma cirurgia. Aos 20 anos de idade conheceu Belonir José de Lima casou e foi embora para o Mato Grosso do Sul, seu marido é um homem muito atencioso cuida muito bem dela e dos meus lindos netos Tiago, Marlon, Mateus e Tieli. O Tiago me presenteou com 2 bisnetos Maria Eduarda e Eduardo José e o Mateus me deu Luísa e Clara, hoje me sinto privilegiada por ter uma família linda, sempre que posso vou até o Mato Grosso visitá-los, minha filha Eliane Maria sempre que pode vem me visitar também. Meu marido teve um AVC e ficou 11 meses na cama, cuidei bem dele como uma boa esposa que sempre fui.



Momentos do Espaço de Convivência: Dia do Abraço





Alzira Nogueira de Paula 60 anos, nascida em Mangueirinha/PR no dia 01 de novembro, filha de Nelcinda Nogueira e Rosalino José Nogueira que me criou e registrou como filha.

Sou a mais velha de 13 irmãos, minha infância foi boa, ajudava meu pai a trabalhar na lavoura, moramos sempre em terras alheias como arrendatários, quando solicitavam as terras logo tínhamos que arrumar outro lugar para morar.

Meu ex-marido nunca pensou em comprar terra, nós tivemos 11 filhos, 5 mulheres e 6 homens. Quando separei do marido, fui residir no município de Chopinzinho.

Trabalhei muito para conseguir comprar meu próprio lote de terra, cheguei a trabalhar em 3 casas ao mesmo tempo como doméstica, quando consegui comprar minha primeira casinha foi, no município de Coronel Vivida/PR e depois no Município de Pato Branco/PR.

Minha maior alegria, foi quando mudamos para Pato Branco, sempre teve melhores oportunidades de trabalho para meus filhos.

Depois que meus filhos estavam grandes conheci um novo companheiro, o Seu Francisco Chagas de Moraes, 72 anos, com quem convivo muito bem. Meus filhos sempre foram pessoas boas e atenciosos comigo.

“Sempre dou conselho para meus netos não fazerem coisa errada”.” Briga nunca dá camisa pra ninguém, quando dá é de Luto”.

Alzira Nogueira de Paula

Alzira começou a frequentar o Centro Dia em 28 de novembro de 2017, sempre muito amada e querida com todos, sorridente até mesmo em momentos de dificuldade, tem um dos abraços mais sinceros que conhecemos.



Carlos Luiz Dellamaria, filho de Maria Aparecida e Sr. Carlos Miller, nascido em Itapejara do Oeste/PR, no dia 9 de Junho de 1973. Tem uma irmã chamada Marinês e hoje reside com a prima Francielli.

Na minha infância trabalhei com a mãe na roça e carpindo lotes na cidade para o sustento da casa, tive bons momentos de lazer, brincava muito de caçar passarinho e pescar.

Tenho uma lembrança muito boa da infância, quando pescava com meus primos e trazia peixes para casa, quem fazia a polenta com peixe era o pai, a mãe nunca soube fazer polenta muito bem, (risadas), a mãe não era muito amiga das panelas, sabia cozinhar pouco e o que sabia meu pai a ensinou.

Tenho um afiliado que amo muito, que é o filho da Francielli e do Dé.

Trabalhei no mercado, como conferente de hortifrúti, fiz muitos amigos por lá. Sinto falta dessa época, onde brincávamos com respeito entre a equipe de trabalho.

Adoro participar do Centro Dia, é uma pena que venho apenas dois dias por semana, sou muito bem tratado pela equipe, todos são muito legais.

Espero que projeto do Idoso continue sempre. E que possa aumentar os dias dos idosos do bairro São João. Carlos é sempre atencioso e prestativo.

“Gosto do Centro Dia e amo minha família”.
Carlos Luiz Dellamaria



Carminha Terezinha

Corazza 82 anos, nasceu em 14 de janeiro de 1937 na cidade de Espumoso no Rio Grande do Sul, filha de Alfieri Benedetti e Maria Parizotto Benedetti. Eram em 4 irmão, três homens e uma mulher. Os três irmãos de Carminha já são falecidos.

Durante sua trajetória de vida ela deixou a mais linda das heranças ao mundo, seus nove filhos, sendo eles: Eunice, Eunides, Ilone, Dinarde, José Valdir, Marisa, Vera, Denise, todos estão morando em várias cidades do Brasil, no Rio Grande do Sul, um deles residindo em sua terra natal Espumoso, outro em Encantado, já em Santa Catarina tem um residindo em Concórdia, no Paraná tem filhos em Palotina, Pato Branco, Toledo, Santa Izabel e o mais distante está morando no Mato Grosso. Carminha já estava separada do esposo a mais de trinta anos, quando ele faleceu há onze anos.

Sofri muito na infância com doenças, como sarampo e meningite. Quando ia a escola tinha muitas dificuldades de transporte, pois utilizava uma canoa para fazer a travessia de um rio e mais alguns quilômetros de caminhada dentro de uma lavoura para chegar ao paiol de estudos, mas os anos passaram e tudo foi superado. Um dos melhores momentos que tive nos meus últimos anos foi a realização de conhecer a Terra Santa em uma excursão com o Padre João Bosco, conheci, Belém, Jerusalém e Roma.

Tive o primeiro contato com o espaço de convivência no bairro Planalto, onde tenho amigos, me sinto como se estive em família, sou muito bem tratada e grata por todos que me cuidam no espaço.

Tenho vinte netos e dez bisnetos, a maioria fazendo faculdade e bem encaminhados na vida. Sou muito grata pelo amor de Jesus e de Deus, que curou de tudo.



A Carminha frequenta o Espaço desde 25 abril de 2017, é uma idosa que gosta de brincar, jogar baralho e aprender coisas novas e participar das apresentações.

“Deus é amor alegria e amizade”.
Carminha Terezinha Corazza

Momentos do Espaço de Convivência: Dia do Abraço





Catarina Ening de Oliveira, nasceu em 29 de abril de 1941 no interior de Rio Negro/PR. Filha de João Onorato Ening e Juvenilia Cardoso Ening, os quais tiveram 7 filhos, são eles: Bastião (*in memoriam*), Andrelina, Adelia, Eu, Adavilna (*in memoriam*), Carlos (*in memoriam*), Erminio (*in memoriam*).

Minha infância era trabalhar na roça, na lavoura de milho com a mãe, e cuidar da casa, mas nas horas vagas, nosso divertimento era andar de canoa de palmeira pelo rio, fazíamos rede de corda para brincar e adorava brincar com os gatos ao redor da casa.

Casei-me com Solatino e dessa relação tivemos a Clemair, hoje ela é casada com Laerte, e me presenteou com um lindo neto o Vitor que está com 16 anos e no dia 19 de dezembro fará 17anos.

Lembro de cantar para a Cleimar para dormir, mãezinha do céu, e naná neném. Minha filha sempre foi muito dedicada aos estudos, é uma excelente filha, muito cuidadosa e atenciosa comigo.

“Seja sempre feliz, apesar das dificuldades”.
Catarina Ening de Oliveira

Catarina começou a frequentar o Centro Dia em 30 de março de 2014. Catarina é muito carinhosa e amorosa com todos, desde a equipe aos amigos, nos encanta com a arte de bordar, sempre muito presente.



Claudete Dalmolin de Mello, nascida em 11 de novembro de 1951 na cidade de Pinhal Grande/RS, filha de Santo Pedro Dalmolin e Honorina Cavalheiro Dalmolin.

Com o passar dos tempos a idade foi avançando e a saúde mudando, com alguns problemas passei a ficar mais em casa, precisei deixar de fazer muitas das atividades que tanto gostava.

Porém, minha mãe Honorina (hoje com 90 anos) que morava no Rio Grande do Sul veio morar conosco para que pudéssemos cuidar dela. Em 2015 a mesma ficou adoentada com Trombose e dali em diante foi uma sucessão de tratamentos, mas sempre nós todos nos unimos e prestamos todos os cuidados necessários a recuperação da saúde dela. Hoje ela está sem a visão, e continua sob nossos cuidados.

Um fato marcante em minha história foi, após ter um segundo AVC e o médico pedir para achar uma atividade em que pudesse socializar; meus filhos conseguiram uma vaga e fui incluída no Centro de Convivência para Idosos. Lá me sinto em casa, é uma segunda família com meus profes, colegas e amigos; recebemos muita atenção, carinho, amor, fazemos várias



atividades, participamos de encontros com outros grupos de idosos, enfim amo ir na minha “escolinha” e cada pessoa que nos atende lá, Zenaide, Aline, Fernanda, Juliane, Marli, Cristina, e o motorista Sílvio.

Esse projeto é muito importante para mim, só tenho a elogiar e agradecer tudo o que fazem por nós. Trata-se de uma experiência que fez a diferença em minha vida.

Mas o tempo passa, acontecem coisas que não esperamos e atualmente dona Claudete, amada, encontra-se acamada devido a outro AVC. Em estado basal está em casa sob os cuidados de seu marido, filhos, netos, noras e genros, porque ela é muito importante para todos de sua família, todos tentam fazer o melhor, pois consideram-na como um exemplo a ser seguido.

Este Relato foi escrito pela sua filha Libera.

“Vencer sempre, apesar das dificuldades”.
Claudete Dalmolin de Mello

Claudete começou a frequentar o Centro no dia 5 de abril de 2019. É uma pessoa mais do que especial, querida, a qual, com certeza, está nas mãos do Senhor, que está curando e renovando sua vida para em breve poder voltar a sua rotina.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Darciria Alves dos Santos (*in memoriam*), nasceu no dia 05 de setembro de 1949, filha de Olivia Lopes da Silva, teve 4 irmãos sendo eles, Jandira, Nadir, João, Soeli e Sirlei. Com o seu casamento teve 10 filhos que são, Jussara, Juliana, Jocemara, Jocenei, Edna, Valtair, Valcir, Valdenir, Valmir e Valdecir.

Conforme o relato da Darciria seu casamento foi bem difícil, o que alegrava o seu coração eram os filhos maravilhosos que teve, isso compensava tudo, sua alegria ainda ficou maior quando nasceram seus 31 netos e 13 bisnetos.

Gostava muito de comer macarrão com carne moída na casa de seu filho Valtair, todo o dia passava na casa dele pra ver se estava tudo bem, aos finais de semana costumava chamar os filhos que moravam próximo de sua casa para tomar café. No final da tarde costumava fazer chimarrão.

Sempre demonstrou um amor gigantesco pelos filhos e netos, em especial para as duas netas que ajudou criar, Adrieli e Natieli, nunca tratou nenhum de forma diferente, para ela todos eram iguais, teve sempre muito orgulho deles, falava para as pessoas isso.

Inúmeras vezes demonstrava uma preocupação maior pela Edna e pelo Valtair, por conta do sofrimento deles, ele porque estava doente e ela precisava trabalhar para ajudar no sustento da família, deixando os filhos em casa. Mas Darciria também tinha um carinho enorme pela sua nora Maria Estela, todas as vezes que precisava fazer compras nas lojas, supermercado ir ao médico, fazer exames lá estava sua estimada nora, todos esses anos criou uma amizade não de sogra e nora, mas sim de mãe e filha.



“Cada vez que ia a cidade”, como costumava falar, comia pastel com suco e se não fizesse isso, ela dizia “está faltando alguma coisa”.

Darciria sempre foi alegre, querida, gostava de plantar flores, carpir o lote, mexer na horta, e se referia a isso como um divertimento, algo que lhe fazia muito bem. Participava das atividades do espaço do idoso Centro Dia, pintando, fazendo alongamentos, brincando.



Participou de inúmeros cursos que tinha no CRAS, era muito difícil faltar, mas se isso acontecesse sempre justificava. Prezava seus amigos que tinha e outros que fez no curto período que esteve no Centro Dia.

Sempre lembraremos dela com carinho e respeito.

Infelizmente a perdemos, mas deixou muitas saudades e um belo exemplo, de como ser uma mãe amorosa, querida e que cuidava e se preocupava com todos, independente do que estivesse passando.

**Momentos do Espaço de Convivência:
Dia de beleza no Salão Social.**





Diva Rita Antunes, nasceu em 10 de outubro de 1951 no município de Getúlio Vargas/Rio Grande do Sul. Filha de Sarafina Pacheco Antunes, a qual teve 5 filhos: Miquela, Catarina, Luiz (*in memoriam*), Valdo e Diva (eu).

Minha infância foi boa, morava com uma tia na roça, brincava muito de boneca, andava de charrete com a minha Tia Duvirgem, aos 15 anos mudei para Erechim/RS, fui trabalhar de doméstica.

Aos 22 anos casei-me com Zacaria, logo engravidei do meu primeiro filho, e fomos morar no Verê, junto com minha sogra, depois retornamos para Pato Branco onde tive mais duas gestações, à última foi com 38 anos.

Meus filhos são: Marco, Márcia (*in memoriam*), Carlos Eduardo, sempre passei muito tempo com os meus filhos. Marco e a esposa irão presentear-me com um neto no final do ano.

Hoje estou em busca de um tratamento para os olhos do meu filho caçula, Carlos Eduardo, mas logo será solucionado, porque sou uma pessoa determinada e faço tudo pelos meus filhos.

Penso em voltar a passear na cidade, como fazia alguns anos, e ver as árvores bonitas que aqui tem. Um dos meus sonhos é andar de avião, quem sabe um dia consigo realizar.

Adoro Centro Dia, é um lugar que me sinto bem, sou bem tratada, e recebo muita atenção.

Espero que a cidade do idoso melhore a cada dia, é isso que todos os idosos precisam e que venham mais idosos para o Centro Dia.

“Sempre busco determinação e nunca desisto”.

Diva Rita Antunes



Diva começou a participar no Centro Dia no dia 02 de agosto de 2017, batalhadora, querida gosta muito das atividades, de dançar e de passear.

**Momentos do Espaço de Convivência:
Dia do Vovô**





Edenir Cabral Ribeiro, nascida em 11 de Setembro de 1957, no município de São Domingos/SC, filha de Jurema e Teodoro Lemes Cabral, os quais tiveram nove filhos: Edenir (Eu), Maria (*in memoriam*), Luiz (*in memoriam*), Sirlei, Carlos, Dirler, Sirlene, Irene, Erenilda.

Minha infância, foi ótima, me criei na roça, tive muita fartura em alimento, e também ajudava meus pais na lavoura, estávamos sempre fazendo uma atividade ou outra, ou estávamos no pilão, ou rastelando mato para as vacas.

Tenho lembrança de uma galinha brava que tínhamos na colônia, estava com os pintinhos ao redor, eu resolvi pegar um de seus filhotes, pra que!!! A galinha era tão brava que voou no meio das brasas e saltou brasa em todos nós, essa brincadeira de pegar o filhote da galinha custou cicatrizes em 3 irmãos, Eu, Dirlei e no Carlos. Dessa vez escapamos de apanhar dos pais (risadas).

Conheci meu esposo aos 15 anos de idade quando ele ia buscar água em nossas terras para beber, ele trabalhava de colheita de erva-mate. Meu casamento com João Gabriel Ribeiro durou dez anos, tivemos 5 filhos, sendo eles: Luiz Carlos, Ezequiel, Marta, Joel e Natalino (*in memoriam*).

Depois tive um novo relacionamento com Daniel Antunes Wolf, qual nasceu a filha Renata, também durou dez anos. Hoje estou casada com Severino Rodrigues, nos conhecemos em um ponto de lotação através de um amigo, começamos a conversar e surgiu uma nova relação. Severino é um bom companheiro, me ajuda muito em tudo, desde as despesas da casa aos afazeres domésticos.

“Entrega os teus caminhos a Deus, confie no Senhor e o mais ele fará”.

Edenir Cabral Ribeiro

Edenir começou a participar no Centro Dia 07 de Março de 2018, esteve um tempo afastada por motivo de doença. Retornou em novembro do presente ano.

**Momentos do Espaço de Convivência:
Encerramento das atividades 2018**





Eva Farias D'Avila, nasceu em 22 de Julho de 1940 no município de Campo Erê/SC. Filha de Domingo Maciel e Armelinda os quais tiveram 14 filhos, são eles: Antônio (*in memoriam*), Pedro (*in memoriam*), Cizernande (*in memoriam*), João (*in memoriam*), Maria Celina, Arvelina, Maria, Saturnina (*in memoriam*), Ortilina, Eva, João (*in memoriam*), Adão (*in memoriam*).

Na infância morava no interior, em uma casa de parede de taquara e coberta de capim e rabo de mula. Brincava de boneca de milho e de casinha com as minhas irmãs.

Casei com 17 anos e Avelino tinha 25 anos, da nossa união tivemos 10 filhos, Anivaldo (*in memoriam*), Laurentina, Adenor, Marli, Claudir, Ademir, Zeli, Roseli, Jair, Jairto, e vários netos e bisnetos. Graças a Deus todos meus filhos são muito trabalhadores, tenho orgulho de cada um deles.

No Natal consigo reunir minha família, muitas vezes até dá um “ciúminho” entre eles, pois um quer agradar mais que o outro. Sou muito feliz e grata pela família que construímos.

O Centro Dia é uma bênção em minha vida, desde que comecei a vir nunca mais fui ao médico, tenho muitas amizades, me sinto em família junto com o grupo.

“A Humildade é uma qualidade que todos nós devemos ter”.

Eva Farias D'Avila

Eva começou a participar no Centro Dia em 06 de novembro de 2017, ela é muito especial, carinhosa meiga, amiga de todos, gosta de fazer as atividades e de ajudar os outros, humilde de coração, determinada.



Geni Rodrigues de Oliveira, nascida em Soledade/RS, no dia 3 de setembro de 1945. Filha de Catarina e Jovino de Oliveira, os quais tiveram cinco filhos, são eles: João, eu, Arcide, Rossoli (*in memoriam*) e Germano,

Após o falecimento do meu pai, eu com apenas 11anos passei a trabalhar em casa de família. Aos 19 anos casei-me com Adão, dessa relação, não tive filhos.

Com o passar dos anos meu irmão Rossoli separou-se e eu ajudei a criar os filhos dele, os quais considero como meus filhos de coração, eles se chamam Vani, Ivanor, Vilma (*in memoriam*).

Meus netos de coração são: da Vani: Cristiano, Cristina, Kamila; do Ivanor: Andressa, Fernanda e o Guilherme; da Vilma: Camila e o Daniel.

Deixo um conselho aos meus filhos: “Continuem sendo esses filhos atenciosos e respeitosos que são, procurem sempre fazer o bem”.

Trabalhei anos como cozinheira, modestas a parte, fui uma das melhores. Sempre gostei muito de lidar com as panelas e cuidar da alimentação do próximo, dessa forma eu me sentia feliz.

Mas, falhei comigo mesma, vivi para ajudar os outros não casei novamente, porque estava sempre envolvida com os problemas e cuidados com a família que adotei como minha.

Amo muito meus filhos de coração, porém meu maior sonho é ir morar sozinha, ter minha independência, e que eles saibam que a porta da casa da mãe estará sempre aberta para ajudá-los e orientá-los.

Adoro vir no Centro Dia, me sinto muito bem, sou muito bem tratada, fico triste de não poder participar todos os dias, pois tenho que cuidar da minha sobrinha-neta Kamila.

“Para o ser humano não tem algo maior do ver a alegria dos filhos, são sementes que plantamos na terra para com o tempo dar frutos”.

Geni Rodrigues de Oliveira

Geni começou a participar no Centro Dia no dia 23 de janeiro de 2012, sempre muito prestativa cuidadosa e amorosa, gosta das atividades propostas e tem muitas amigas, tem um coração imenso.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Ignez Kaminski, nasceu em 22 de dezembro de 1940, filha de Guilherme Kaminski e Berta Elisa Kaminski, da união de seus pais nasceram 9 irmãos. Nasci na cidade de São Jerônimo/RS, mudamos para o interior do Paraná quando eu tinha 10 anos, meus pais eram agricultores, sempre trabalhamos na lavoura, carpindo, plantando e produzindo.

Minha infância foi bem divertida, meus pais e irmãos tocavam gaita e violão, todos dançavam e cantavam, as músicas eram em alemão, e até hoje minha alegria é dançar e cantar, **herdei isso de meus pais, dos quais tenho muito orgulho.**

Conheci meu marido Alvino Ganske na comunidade de Tiradentes Município de São Jorge, casamos no dia 27 de maio de 1961 nas Águas do Verê, e ficamos morando nessa localidade, da nossa união tivemos 8 filhos que são Nelza, Neusa, Osvino, Osni, Elmar, Claudio, Nelsi e Neide.

Alvino meu esposo foi pai muito severo e enérgico com os filhos, eu sempre fiz tudo o que estava ao meu alcance para compensar essa situação e orava muito para que Deus abençoasse e cuidasse deles para não ficarem traumatizados, meus filhos são maravilhosos, minha maior riqueza.

Nossos filhos foram crescendo obedientes e trabalhadores, com o passar do tempo formaram suas próprias famílias, me presentearam com 18 netos e esses netos com 8 bisnetos, que são o encanto da minha vida e com certeza absoluta de meus filhos também.

Em 2001 nos mudamos para Pato Branco, meu marido estava doente e aqui os recursos eram melhores, cuidei dele com muito carinho, cumprindo assim meu papel de mãe e esposa. Queria ser exemplo para os meus filhos.

Na data de 22 de agosto de 2016 devido à doença ele faleceu, a partir desse momento a preocupação e a responsabilidade de meus filhos ficaram maiores, mas com dedicação e esforço eles se organizaram para me atender, todas as noites um vêm dormir comigo ou me levam para pousar em suas casas, minhas noras e genros também contribuem com os cuidados.

No dia de 13 de março de 2017, comecei a frequentar o Centro Dia, minha neta Bruna fez a matrícula, esse espaço me fez reviver muitas coisas boas de minha vida, incluindo a música e a dança.

Hoje por conta de uma queda e do Alzheimer estar mais evoluído a Ignez está em casa sendo muito bem cuidada pelos seus filhos, que nesse momento estão retribuindo tudo àquilo que ela os fez, com tanto amor e carinho.

A Ignez desde o primeiro dia que chegou até o Centro Dia, demonstrou ser uma pessoa extremamente amorosa e dedicada, a todo o momento sorrindo e brincando, participava de todas as atividades proposta pela equipe, mas dançar e cantar eram as suas preferidas.

A equipe do Centro Dia faz visitas em sua residência, proporcionado alguns momentos de recreação e estímulos, com o objetivo de ajudá-la a se restabelecer mais rápido e voltar aos convívios do grupo de idosos.



Inésia Soares da Silva, nascida em Tenente Portela/RS, no dia 27 de fevereiro de 1940. Filha de Fedulino e Valdomira, os quais tiveram 11 filhos: Inésia, Claudina, Jesus (*in memoriam*), Otilia, Eduardo (*in memoriam*), Romeu, Emília, Teresinha, Salete, Ângelo e Maria.

Na minha infância carpi muito na roça. Adorava brincar de boneca e de pano, brincava de casinha, e nos finais de semana íamos brincar nos vizinho e juntos comer graviola. A escola era muito distante, caminhava 2 horas para chegar no lugarejo vizinho para estudar.

Casei aos 22 anos com Miro, nossa história é muito bonita, com apenas 2 meses de namoro casamos, e estamos juntos até hoje. Miro sempre teve muita paciência com as crianças, um exemplo de pai, um homem muito trabalhador, trabalhou muitos anos na roça depois de pedreiro.

Um excelente marido, um ótimo pai, dessa relação tivemos 7 filhos: Franscisco, Esni, Valter, Maria, Mércia, Neusa, Eliane. Meus filhos me presentearam com lindos netos são eles: Dessana, Isabela, Emanuel, Rômulo, Erick, Abner, Guilherme, Valentina, Bruno, Breno, Arthur, Mariane, Murilo.

Espero que Pato Branco continue com os projetos dos idosos, pois sou muito satisfeita, com tudo que faço aqui no Centro Dia e espero que esse lindo trabalho continue por muitos anos.

Inésia iniciou suas atividades no Centro Dia no dia 13 de outubro de 2017, tranquila, querida, gosta de todos e faz sempre as atividades propostas pela equipe.

“A paz nós buscamos, e o amor construímos”.
Inésia Soares da Silva



Irene Manssi Camponhone, filha de Seu Vitório e Dona Rosa nascida em Concórdia Santa Catarina, teve 10 irmãos, Hilda, Ires, Teresinha, Arcides, David, Valdomiro (*in memoriam*) e Maria eram gêmeos, Luiz (*in memoriam*), Nerso e Valdir (*in memoriam*).

Conheci Luiz no interior de Concórdia, no distrito de Volta Grande, dessa relação sou mãe de Carlinhos, que reside em Pato Branco/PR e de Luiz, escolhemos o nome dele em homenagem ao pai, hoje mora em Fortaleza devido sua profissão. Ambos nasceram em casa, Carlinhos, na noite quente do dia 16 de março, já Luiz nasceu em 11 abril pela parte da tarde em um dia “*chuvisquento*” (sic).

Nas minhas gestações eu era muito gulosa, comia muitas frutas e me alimentava muito bem, no entanto, meus maiores desejos eram tomar chimarrão doce com leite, e cuca.

Resido em Pato Branco a mais de 58 anos, fui uma desbravadora do nosso município.

Adoro comer melancia e tomar Coca-Cola, participo do Centro Dia desde sua fundação, me considero uma das primeiras participantes. Sou muito ativa e converso muito com meus amigos aqui no espaço, trocamos memórias e experiências de vida.

Em 13 de maio de 2009 Irene iniciou suas atividades, ela é sempre alegre e festeira, contagia a todos com seu alto astral, muito bem produzida e elegante, sempre muito falante adora relatar os fatos do seu dia a dia. Está sempre disposta para dançar e algumas vezes gosta de outras atividades, quando é para



passar nos eventos fora do espaço ela está sempre pronta.

Irene fala muito da saudade do filho que mora em Fortaleza, mas a saudade é encurtada, sempre que possível a coordenadora Zenaide entra em contato com Luiz, e a conversa entre os dois se estende tarde a dentro, saciando esse aperto no coração da preocupação de mãe.

“A Alegria está em mim, porque amo minha vida”.
Irene Manssi Camphonhone

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Irma Therezinha Dandoline, nascida em Arroio Trinta/SC em 4 maio de 1947. Filha de Erculano Guido Dandoline e Candida Rigo Dandoline, os quais tiveram 8 filhos, são eles: Jandira, Valmira (*in memoriam*), Saul (*in memoriam*) e Celso (*in memoriam*), Libera, Iria, Serena e eu que é a caçula.

Minha infância não foi nada fácil, trabalhei muito na roça, caminhava 3,5km só para estudar. Fazia a troca de lanche, pois só havia laranjas na terra da minha família e trocava com as colegas por bananas.

Casei forçada pela mãe, em um casamento arranjado com Mário Biondo, dessa relação tivemos duas filhas: Marilânda e Sandra Mari. Alguns anos depois Mário faleceu e tive um novo relacionamento, com Guido Gasperin, com ele tive outro filho, o Andron Cezar Gasperin.



Fui cuidadora de idosos durante muitos anos e amava minha profissão, deixei de exercer devido um problema no braço, qual tive que fazer cirurgia e logo após me aposentei.

Depois de alguns anos conheci o meu verdadeiro amor, com o qual convivi 9 meses juntos, tivemos uma relação muito harmoniosa de uma grande cumplicidade, infelizmente houve uma fatalidade e perdi meu companheiro Jocenir em um acidente, ficando um grande vazio em meu coração, pois era meu companheiro para todas as horas.

Tenho uma grande família, meus filhos já me presentearam com lindos netos. Marilânda me iluminou com Manuela e Jaqueline, da Sandra tive a doçura do Nicolas, Felipe e Luiz Otávio e do meu bebê Andron ganhei a pequenina Ana Luiza.

E meu bisneto, chegou dos braços de Jaqueline, minha neta, a qual me encheu de graça com João Artur.

“Quero dizer para meus netos que eu amo cada um deles e nunca vou esquece-los”.
Irma Serena Therezinha Dandoline

Irma começou a frequentar o Centro Dia em 10 de outubro de 2013, gosta de conversar mais do que fazer atividades, ajuda sempre que possível seus colegas, querida.

Momentos do Espaço de Convivência:
Dia do Vovô





Jacira da Luz filha de Maria da Luz, conhecida em nossa comunidade por Pequeninha ou Tia Sila nasceu em 19 de Fevereiro de 1924 no município de Clevelândia.

Quando nasceu, devido a sua doença foi rejeitada pelos pais, sempre maltratada andava de casa em casa. Residiu com o irmão e a cunhada Maria, para auxiliar na criação dos sobrinhos, Elias, Jorge, Rose e Natalina, os quais são gratos pelos cuidados da Tia.

Em dado momento, casou com João, índio, criado na mata na beira do rio, onde passaram a residir. Após o falecimento do esposo, Jacira passou a residir com a Cuidadora Daluz.

Daluz sofreu um acidente de carro e faleceu. Jacira (pequeninha) sofreu bastante pois considerava Daluz como sendo sua família, e relata que apesar dos conflitos ocorrido entre as duas, existia amor. Logo após, Jacira passou a residir com sua sobrinha Cláudia, onde está atualmente.

Na data de 14 de outubro de 2014, a psicóloga do CRAS Aline e a coordenadora do Centro dia Zenaide realizaram visita na casa de Jacira com o objetivo de convidá-la a participar das atividades no Centro Dia. Na ocasião da visita foi possível perceber que Jacira vivia em condições precárias, estava em situação de negligência e conflitos familiares.



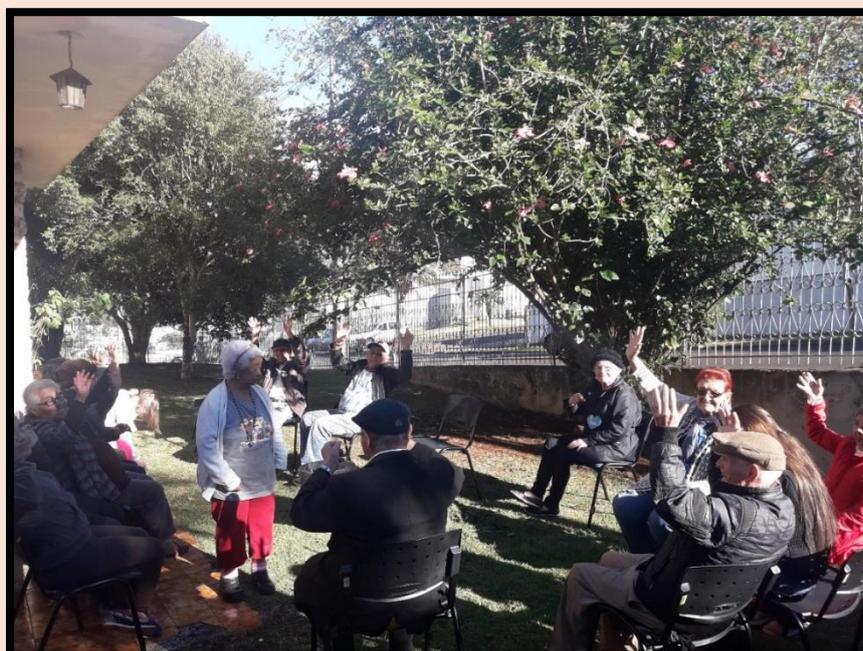
No início foi difícil a adaptação de Jacira ao centro dia, ela era resistente as intervenções, porém com o passar do tempo pode-se perceber uma significativa mudança em sua qualidade de vida.

Desta forma é importante ressaltar a importância da Política da Assistência Social na vida das pessoas, bem como trabalho em rede. Tomamos como exemplo a história de superação de Jacira, que apesar de suas limitações não falta as atividades, é participativa e contagia a todos com seu carisma.

Pequeninha como é conhecida pelos demais participantes do Centro Dia, é a mais idosa do grupo, com carisma de criança cativa a todos com quem convive, seus abraços são preciosos e sinceros e carinhosamente chama a Zenaide de mãe e o restante da equipe de tias.



Momentos do Espaço de Convivência:
Atividades desenvolvidas diariamente.





José Mafer nascido no dia 05 de abril de 1928 em Tubarão/SC, filho de João e de Luiza Fernandes, os quais tiveram 10 filhos, são eles: Celina (*in memoriam*), Lora (*in memoriam*), Benoni (*in memoriam*), Ruti (*in memoriam*), Jenovéva (*in memoriam*), Lila, Ana (*in memoriam*), Obelo, José, Luiz (*in memoriam*).

Minha Infância foi sofrida, a escola era muito longe, caminhava de 8 a 10 quilômetros pra estudar, brincava pouco, bem novo já cuidava e administrava uma serraria, ia a cavalo buscar vacas e bezerros nas cidades vizinhas.

Por 35 anos exerci a profissão de sapateiro, sempre gostei da minha profissão.

Casei aos 18 anos com a Vilma, dessa relação tivemos 6 filhos, são: Clair (*in memoriam*), Vanilda, Valmir, Vânio, Maria Inês, Maria Luiza. E esses 6 filhos me presentearam com 8 netos e alguns bisnetos.

Um dia a minha filha Maria Luiza insistiu muito para conhecer o Centro Dia, local onde a terceira idade se reunia no bairro Planalto, depois de muito tempo de insistência resolvi ir, chegando lá conheci uma pessoa que veio para alegrar os meus cinco anos de solidão, desde então nunca mais me separei do meu novo amor Lory.

Faço muitos planos de viagem com Lory. Já recebemos a bênção do padre pela nossa união, eu sou muito feliz com a minha companheira.



Sinto-me muito bem no Centro Dia, inicialmente achei que não iria conseguir participar, mas conheci a Lory e fiquei muito feliz, estamos participando até hoje, infelizmente não temos muita frequência, porque Lory ficou doente, quando ela está bem nós ligamos para o motorista passar nos buscar.

“A união e o respeito nos fazem mais fortes”.
José Mafer

José começou a participar no Centro Dia em 16 março de 2016, sempre simpático e atento a tudo que a Lory precisa.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





João Pacheco Ciqueira, nasci no dia 8 de julho de 1935, em Chopinzinho. Sou filho de Maria da Luz Martins Ciqueira e de Ilário Pacheco de Ciqueira com a união de meus pais nasceram 10 filhos, Eu João, Sebastião, Antônio Carlos, Miguel, José Gastão, Carmélia de Jesus, Ilda, Divina, Carolina, Francisca.

Carolina Alves, com a qual me casei e tivemos 07 filhos, 04 filhos homens, Antônio Valter, Leonildo, José, Acácio, e 3 filhas mulheres, Beatriz, Rita de Cássia, Maria, infelizmente Rita de Cássia viveu somente 10 meses.

Aos 52 anos de idade meu pai faleceu, eu tinha 16 anos, sendo o filho mais velho assumi a responsabilidade junto com minha mãe de criar meus irmãos. Alguns anos depois minha mãe engravidou de seu primo irmão chamado Dorival Martins, eu fiquei muito bravo a ponto de querer matar ele, assim iria aprender respeitar a família dos outros, depois de uma conversa de pé ouvido, com um revólver apontado para na sua cabeça ele entendeu que precisava assumir a responsabilidade de cuidar da mãe e do bebê que estava para nascer. Na outra semana ele levou minha mãe para casa dele.

Assim, ficamos eu e os meus irmãos sozinhos, trabalhava na lavoura para sustentar meus irmãos. Conforme ficavam adultos, meus irmãos foram casando e construindo uma nova família.

Com o novo casamento de minha mãe, tive mais seis irmãos, são eles: Anita, Palmira, Jussara, Leoni, Clodoaldo, Deonira.

Depois que todos os meus casaram, eu conheci



Meu casamento foi abençoado por Deus, vivemos em harmonia, ela procurava sempre fazer as coisas que me agradavam e eu retribuía fazendo o possível pra agradar ela, comprava as coisas que ela gostava mesmo que saísse bastante caro.

Nossos filhos foram casando e ficamos somente com a Maria em casa, nesse período minha esposa Carolina teve um derrame ficou enferma, eu fiquei ao lado dela cuidando e dando carinho, levava no médico, fiz tudo o que podia para ajudá-la, um ano depois ela faleceu, no ano que completamos 40 anos de casados.

Ficamos eu e a Maria, eu sempre tive e tenho o maior carinho por ela, um tempo depois tivemos um desentendimento e ela foi morar com sua irmã Beatriz, até se casar, e me presentear com netos.

Antônio Valter teve três filhos, Elisangela, Emanuela e a Kelly; Leonildo teve: Sara, Raquel e Jonatan; José, 03 filhos, Fabrício, Fábio e Suelem; Acácio teve uma menina, Carol; Beatriz teve dois meninos, Felipe e Eduardo; Maria teve três filhos, Rodrigo, Diana, Isaac.

Gosto muito de minha irmã, Maria Divina, porque criei ela como sendo minha filha, organizei o seu casamento com uma festa muito bonita, quando sofri acidente fui morar com ela, me cuidou como se fosse o seu pai, muitas vezes acordava de noite com ela fazendo carinho no meu rosto, essa sensação vai ficar para sempre na minha memória, meu cunhado também me estima demais pois para mim ele é meu melhor amigo, devo muita consideração a ele.

Depois que melhorei vim morar do lado da filha Maria que estou até hoje, amo todos os meus filhos porque são muito especiais, sempre recordo dos momentos que passamos juntos, cada um com suas lembranças, apesar de muitas vezes ficar tempo sem vê-los.

O Centro Dia é um paraíso para mim, porque tem tudo o que preciso, todos me respeitam, eu faço somente aquilo que eu quero, o lazer que preciso está aqui, se eu quiser desenhar, pintar, brincar, quando chego cansado vou

deitar e descansar, gosto de contar história para meus amigos e amigas que aqui fiz.

O espaço para mim e como se eu tivesse no céu só coisas boas, todos que trabalham aqui são muito queridos, o Sílvio, Aline, Fernanda, Cristina, Juliana, e a Marli que agora veio também, a Zenaide é a nossa mãe, todos nós a amamos, quando chego no espaço e me recebem com um abraço e um beijo no rosto é como se eu recebesse um presente maravilhoso. A Carol do Creas, eu quero muito bem ela, como se fosse minha filha, sempre me ajuda e me cuida com muito carinho, vou no trabalho dela conversar e ela me atende muito bem.

A Anne é uma pessoa encantadora, está sempre ajudando todos nós, tenho muito orgulho porque um dia no largo da liberdade ela me chamou para representar todos os idosos que ali estavam, eu fiquei muito emocionado e feliz, muito obrigado, Anne, que Deus te abençoe que você continue sendo essa pessoa que você é.

Carol a advogada, para mim é igual a uma minha filha, eu a amo de coração, ela me ajudou resolver as coisas da minha casa de Curitiba, foi me levar para casa, e acabei contando que eu gostaria gratificá-la pelo seu trabalho, queria dar um agradinho à ela, ela me disse: Sabe Seu João o maior presente que o senhor pode me dar; faça uma oração para mim! Eu não sei o que fazer para agradecer tudo o que ela faz por mim, tudo o que preciso a Carol me ajuda muito, ela é um presente em minha vida, nunca vou esquecer o ela fez e faz por mim.

Que Deus abençoe a família de vocês, as meninas a Aline, Fernanda, Juliana, Cristina e a Zenaide também, e o menino Sílvio, pela força carinho que tem por mim, essa é minha família que ao longo dos meus anos encontrei no espaço centro dia, agradeço a Deus, e rezo sempre por vocês. Eu sempre peço a Deus que cuide de cada um que está no Centro dia, dando tudo o que precisam e meu coração tem lugar para todos.

“Viva sempre com alegria, porque a vida e bela”
Joao Pacheco



João começou a participar no Centro Dia em 23 de janeiro de 2017, é uma pessoa muito estimada por todos, sempre carinhoso com todos da equipe e colegas, participa de todas as atividades

propostas, nosso garoto propaganda.

**Momentos do Espaço de Convivência:
Festa Julina 2019**





Lorena Terezinha Bortot, nascida Sarandi/RS, no dia 28 de Dezembro de 1946, filha de Dante Piacntine e Izaira Boze Piacntine, teve 13 irmão de sangue e 9 de criação, vivos somente 2 irmãos, eu e o meu irmão Valdemar e dos irmãos de coração somente a Laelia os demais, já falecidos.

Casei em 1966 com o Senhor Noé Antônio Bortot e dessa relação ficou a herança de seus 4 filhos, 3 mulheres e 1 homem, Marlei, mãe da Fernanda de 16 anos, Ivonei carinhosamente chamado de "POLOCO" por mim, solteiro e sem filhos, Joselei mãe de um menino, chamado João Gabriel, também com 16 anos e a caçulinha dessa turma é a Nicelei, casada e sem filhos.

Tenho muito amor por minha família, e tenho um enorme orgulho dos meus filhos, no entanto os meus xodós são a Fernanda e o João Gabriel, que coincidentemente nasceram com 2 dias de diferença. Não tenho limites para mimar meus netos, afinal de contas "Avó é Mãe com muito açúcar" ditado contado pelos antigos. Nessa relação de avó e netos sempre sai aqueles ciúmes entre os primos.



Um dos momentos marcantes, foi à reunião de toda família para celebrar as bodas de ouro dos meus pais.

Sempre gostei muito de viajar, conheci várias cidades entre elas: Curitiba/PR, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Santos/SP e Florianópolis/SC e na região sudoeste do Paraná, conheço quase todas as cidades da região.

Dessas viagens uma das mais marcantes foi a Concatedral de Francisco Beltrão/PR.

Subi em um elevador panorâmico até a cobertura para conhecer o alto da cidade, muito bem acompanhada. Fiquei deslumbrada com a vista da cidade.

O Espaço de convivência da Pessoa Idosa - Centro Dia, me proporciona muita diversão e bem-estar, no dia 28 de outubro de 2019 comemorei 10 anos de participação no centro dia. Fico muito grata pois sempre fui muito bem recebida.

“Todos nós devemos sempre ter amor ao próximo.”
Lorena Terezinha Bortot



Lorena começou a participar no Espaço do Idoso no dia 22 de outubro de 2010, sempre muito carinhosa com toda a equipe, fala de suas conquistas adquiridas em sua vida.



Lory Valentina Silveira, nascida em 25 de setembro de 1930, na cidade Gravataí/RS. Filha de João e Gasparina os quais tiveram 8 filhos, são eles: Adão (*in memoriam*), Otacilio (*in memoriam*), Francisco, Protózio, Maria das Dores, Eva, Marina e a caçula que sou, Lory.

Na infância caminhava 6 quilômetros para ir à escola, sempre na companhia de um sobrinho mais novo, pois tinha medo de ir sozinha. Brincava de casinha, boneca, montava minha própria peteca de palha de milho para brincar com as minhas irmãs.

Casei com 16 anos com Rafael Silveira, tive meu primeiro filho com 17 anos. Dessa relação tive 7 filhos, são eles: Arcelino, Alcenira, Alvinho (*in memoriam*), Amilto, Acelia, Cleia, Maria Salete. Meus filhos me concederam a graça de alegrar minha vida com 15 netos, são eles: Clarisse, Cleomar, Cleonice, Poliana, Cíntia (*in memoriam*), Pricila, Sandro, Cristiane, Reginaldo, Fernanda, Silvia, Silvana, Rodrigo, Raquel, Rubens e mais 20 bisnetos da parte deles.

No meu aniversário consigo reunir toda a família, tenho muito orgulho de cada um deles, todos são trabalhadores e muito honestos. Tenho uma passagem muito importante e marcante em minha vida, no dia que todos tiram férias e vamos juntos pra praia.

Faz 8 anos que frequento o Centro Dia, sempre bem tratada e cuidada por todos os funcionários, em especial pela Coordenadora Zenaide, gosto muito de vir e participar das atividades que o Centro Dia oferece aos idosos.

O espaço do Idoso me fez tão bem, que encontrei um amor chamado José. Estamos namorando a mais de 4 anos. Ele é meu companheiro para todas as horas, passeamos juntos, vamos a igreja, vamos a restaurantes, somos quase inseparáveis. Infelizmente ando adoentada, por isso venho participando pouco.



“O Amor que ajuda vencer os obstáculos”.
Lory Valentina Silveira

Lory começou a participar no Centro Dia em 12 de março de 2014, Lory é sempre carismática e charmosa.



Momentos do Espaço de Convivência:
Atividades desenvolvidas diariamente.





Manuel Carlos de Oliveira, nascido em 17 de julho de 1940 no município de Palmas/PR. Filho de Manuel e Sara que tiveram quatro filhos, três meninas e um menino, são eles: Genita, Santa, Manuel Carlos (Eu), e a caçula Leonice.

Minha infância foi boa, meu pai faleceu quando eu tinha apenas 6 anos de idade, então fui morar com meus avós maternos, os quais tinham onze filhos, meus tios. Essa fase não foi fácil, ia para escola quebrando gelo nos pés, calcei sapato nos pés pela primeira vez com 14 anos. A comida era contada, só havia quirera e feijão, todos eram alimentados conforme o tamanho.

Casei com 26 anos, minha esposa Cecília tinha apenas 17 anos, sempre tivemos uma excelente convivência, procurei surpreendê-la de diversas formas, com flores e presentes, nosso amor era incondicional, tivemos duas meninas, a Carla e a Cátia. A Carla presenteou-me com o neto Cássio e a Cátia com duas lindas netas a Suelem e a Gislaine. E da parte da Suelem está chegando um bisneto.

Sinto muita falta da minha esposa, infelizmente ela faleceu em 16 de abril de 2013 de câncer. Desde a perda da minha amada, optei por não ter mais ninguém em minha vida.

Trabalhei de patroleiro em uma motoniveladora, no DER por 15 anos, e depois mais 15 anos trabalhando na Prefeitura de Pato Branco e mais 10 anos de motorista da APAE - Pato Branco. Sempre gostei muito da minha profissão.

O Centro Dia é uma irmandade, todos se respeitam, sou tratado com carinho, me sinto em família.

“O Amor maior que tenho e pela minha família que jamais esquecerei”.

Manuel Carlos de Oliveira

Iniciou suas atividades aqui no Centro Dia em 20 de fevereiro de 2019. É uma pessoa amiga e extrovertida, está sempre brincando e contando causos.



Momentos do Espaço de Convivência: Visita no Parque do Alvorecer





Maria Ana Fratta, nascida em Ponte Serrada no dia 23 de março de 1939. Filha de Domingos e Amabili, os quais tiveram 12 filhos, são eles: Leonardo (*in memoriam*), Leonilda (*in memoriam*), Lúdia (*in memoriam*), Silvia (*in memoriam*), Delfina (*in memoriam*), Adelina (*in memoriam*), Avelino (*in memoriam*), Helena, Terezinha, Maria Ana(Eu), Adelaide, Gema.

Tive uma infância maravilhosa, trabalhei na colônia com meus pais. Brincava muito de bonecas de milho e de pano.

Lembro que uma certa vez, meu pai trouxe para as três filhas caçulas, 3 bonecas de papelão, uma pra cada uma, a empolgação foi tanta, que esquecemos das bonecas do lado de fora da casa. Justamente naquela noite choveu, no dia seguinte fomos correndo ver as bonecas... Infelizmente todas estragaram. “Como é bom relembrar o passado e a nossa infância” (sic).

Casei-me com 23 anos, no dia 29 de dezembro de 1962 com Adair Pereira, dessa relação tivemos um casal de filhos, Silvana e Claudemir, o mesmo tem duas lindas filhas, Camila formada em psicologia, casada, e Marcela formada em fisioterapia. Minha ex nora, Gelce, apesar de ser separada do meu filho Claudemir, nunca se separou de mim, sempre representou ser uma grande filha e amiga, minha companheira para todos os momentos.



Amo minha profissão ou todas elas, tenho muito orgulho de ser professora, bordadeira e produtora de agnoline, tudo que faço é com amor e muito capricho.

Fui professora em Santa Catarina e no Paraná. Trabalhei 17 anos na APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Pato Branco, sempre preferi trabalhar com os maiores, pois tinha medo de mimar demais os pequeninos. Me sinto muito bem no Centro Dia, todos me recebem muito bem.

“Sempre precisamos amar o próximo como a nos mesmo”.

Maria Ana Fratta

Maria começou a participar no Centro Dia em 26 de setembro de 2019. Simpática, alegre, gosta muito de conversar de participar das atividades.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Maria Aparecida Pereira nascida no dia 27/11/1948, filha de Alexandrina Rodrigues e Antonio Ventura, os quais tiveram 8 filhos que são: Ivanor, João, Darci, Cleusa Ivanete, Auraide, Nadir.

Moramos em Caçadorzinho município de Vitorino. Meus pais sempre trabalharam na lavoura e todos nós fomos criados ajudando.

Desde os 12 anos, como era a filha mais velha, precisei ajudar meu pai na lavoura, carpir, plantar e colher. Foi uma infância diferente no sentido de que era na roça e não tinha brinquedos quem nem hoje, as bonecas eram feitas de espiga de milho, os carrinhos de madeira, as bolas de meia cheia de tecido, fui pouco na escola.

Conheci meu marido em Caçadorzinho, era meu vizinho, nos criamos juntos, seus pais sempre nos visitavam, muitas vezes comemos no mesmo prato, mas nunca imaginei que iríamos namorar e casar, um belo dia nos apaixonamos.

Desse relacionamento nasceram meus tesouros que são meus 11 filhos; 4 filhos homens e 6 mulheres, Jocemar, Claudimar, Solismar, Gilmar, Claudio, Sirlei, Terezinha, Roseli Marine, Marilei, Claudia, Ana e Grasieli.

Não tenho certeza, acho que uns 40 netos e 20 bisnetos, recentemente fiquei sabendo que minha bisneta vai me presentear com um tataraneto que ainda não sabemos se vai ser menino ou menina.

Meu casamento posso dizer que foi ótimo ele me ajudava em casa e eu na lavoura ou em outro serviço que fazíamos. Quando saímos do interior de Caçadorzinho fomos morar em Curitiba, lá trabalhamos de juntar reciclado, um tempo depois ele ficou doente, cuidei bem dele porque sempre foi um excelente marido e amigo, mas infelizmente veio a falecer, deixando uma saudade imensa e um exemplo de bom pai e marido.

Até hoje quando passo no bairro Planalto eu falo para os meus netos: “olhem essa casa seu avo ajudou a construir”, quero que vocês tenham orgulho dele e sigam seu exemplo de pessoa honesta e trabalhadora.

Depois de sua morte voltei morar em Pato Branco, hoje moro no Bairro São João com meu filho que está separado, seu filhinho, e mais neta que estou ajudando criar.

“Que Deus abençoe a vida de todas as pessoas”.
Maria Aparecida Pereira

Maria Aparecida iniciou suas atividades no Centro Dia em 27 de fevereiro de 2019, sempre teve muito respeito por todos, meiga e carinhosa.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Maria de Lurdes Barbosa, nascida em 10 de maio do ano de 1936 em Joaçaba/SC. Filha de Dona Nardina e Seu João, os quais tiveram cinco filhos, sendo 3 homens, Jorge, João Maria, João Neno (*in memoriam*) e duas filhas, Maria de Lurdes e a Maria Eva.

Casei-me em 1951 aos 15 anos com o João Galvão, o mesmo era dez anos mais velho que eu, dessa união tive os filhos, Elias, Jorge, Rose e Natalina. Hoje tenho 16 netos e vinte e 3 bisnetos.

Sempre trabalhei com o esposo na roça, fomos muito felizes, cheguei a ter o prazer de comemorar 40 anos de casada. Infelizmente ele faleceu a aproximadamente seis anos atrás, cuidei-o até seu último suspiro. Ele gostava de tocar violão e eu de ouvi-lo.

Minha família adora fazer festas e reuniões, e quando decidem fazer algo é sempre em minha casa. Sou uma mãe e uma avó muito atenciosa, amo muito os meus familiares.

“Sou feliz, amo minha vida”.
Maria de Lurdes Barbosa

Maria começou a participar no Centro Dia em 03 de maio de 2018. Muito amada, sempre pronta a nos ajudar, a alegria esta todos os dias em seu rosto.



Maria Iraci Sousa de Farias, nascida em Rio do Sul no estado de Santa Catarina, no dia 19 de março de 1939. Filha de Seu Sebastião de Sousa e de Dona Natalia Fernandes de Sousa, os quais tiveram sete filhos, Galvina, Jovelina, Valdemar, Iracema, Eu Maria (Sisi), Noemia e Antônio.

Casei em 1957, tinha 18 anos, com o pretendente Rosalino Ramos Farias, dessa união tivemos 4 lindos filhos, Paulo Cesar (*in memoriam*), Maria José (*in memoriam*), Adriana e Marcos que são o meu porto seguro.

Adriana me presenteou com quatro netas, Taíne, Prícila, Taise e Fraciele (*in memoriam*), dessas netas ganhei mais três bisnetos, Gustavo, Emeli, Davi. Do meu filho mais novo Marcos, veio um casal, Vinícios e Leticia.

Uma das coisas que me deixava muito feliz, era cantar para os meus filhos uma música que minha mãe cantava pra mim: "mamãe eu quero mamar", essa música era de carnaval da época da minha mãe.

Lembro com saudades da comida que minha mãe fazia, pirão feito de farinha de mandioca, feijão e charque.

Por anos trabalhei como costureira, depois no Hospital Santa Inês, no Parque Aquático Água Center fui zeladora durante 9 anos, ambos os locais em Balneário Camboriú/SC. Por um tempo tive uma mercearia que comercializava alimentos e armarinho, carinhosamente com o nome de " TIA SISÍ ". No final do expediente meu robe era caminhar na orla da praia.

Há males que vêm para o bem, em 2015 fui diagnosticada, com a doença conhecida como o mal do século, descobri um câncer de mama, toda a história teve o início triste, porém um meio e um fim com alegria. Após a cirurgia e a retirada do nódulo, fui encaminhada por uma anjinha psicóloga chamada Aline, qual me apresentou e me encaminhou para o Centro Dia. No início fui relutando para fazer parte do grupo, mas quando conheci a coordenadora Zenaide, ela sim me convenceu a vir e permanecer junto ao grupo.

Frequento o Centro Dia com tanta intensidade, que no ano de 2018 participei do concurso da Mulher Urbana, qual me orgulho muito de ser a MISS SIMPÁTIA 2018, levo esse título no coração, como forma de reconhecimento pela minha luta e minha história de vida.

Hoje o Centro Dia é meu segundo lar, tenho um bom relacionamento com os amigos, sou muito bem recebida pela equipe, adoro fazer as atividades propostas, sou muito brincalhona, divertida, e me considero um bom pé de valsa. Sou muito vaidosa, adoro andar bem produzida e não gosto de perder nenhum baile.



Uma das coisas que eu mais quero, é que meus filhos sejam sempre sinceros, amorosos, assim como eu sempre fui, não existe coisa melhor no mundo do que sinceridade, isso não tem dinheiro que possa comprar.

O que eu realmente queria e que cada idoso tivesse sua casa e não precisasse mais pagar aluguel! quem sabe um dia esse sonho se realize.

Iniciou suas atividades no Centro Dia, em 28 de outubro de 2015. Maria Iraci foi pela psicóloga do CRAS Aline, na época recentemente havia descoberto um câncer de mama, estava abalada, fragilizada, sofrendo pela doença e pela solidão que sentia. Seu filho não conseguia acompanhar a mãe em todas as consultas, o trabalho muitas vezes não permitia que assim pudesse fazer. A coordenadora e a psicóloga acompanharam alguns atendimentos e se preocupavam com sua saúde dela.

“O que eu mais desejo no mundo é que todos sejam amados e felizes assim como eu sou. Amo a todos de coração!”

Maria Iraci Sousa de Farias

Hoje Sisi, como gosta de ser chamada, tem muita gratidão por todos que de alguma forma a ajudaram superar essa fase de sua vida, e como muitos outros ela

é um exemplo de superação, sempre simpática, amorosa e tem uma doçura que encanta a todos que estão ao seu redor.

Sisi, como gosta de ser chamada, foi criada pela madrinha Dona Paulinha Arúda e Seu Júlio, com os outros sete filhos de sangue do casal. Meus padrinhos e pais de coração me deram uma boa criação, tive a alfabetização junto os meus irmãos de criação. Brincava muito com eles, adorava pular corda e jogar peteca, cantávamos bastante cantigas de roda, em especial, Nessa rua tem um bosque e Ciranda cirandinha.

Momentos do Espaço de Convivência:

Atividade intergeracional com as crianças do Remanso da Pedreira.





Maria José Vasconcelos, nascida em 08 de outubro de 1930, no município de Chopinzinho, filha de Arthur José e Valdivina, os quais tiveram 7 filhos, 4 homens e 3 mulheres, são eles: João (*in memoriam*), Orientina (*in memoriam*), Maria José, Antônio (*in memoriam*), Rosa (*in memoriam*), Pedro e José.

Minha infância foi na roça, não tive oportunidade de estudar, pois precisava trabalhar para ajudar cuidar e sustentar meu irmão, quando minha mãe faleceu ele tinha somente 3 anos, seis meses depois meu pai casou-se novamente e teve mais 5 meninas e 2 meninos.

Casei muito nova, tinha apenas 18 anos, com João Maria de Vasconcelos, ele com 17 anos, era sobrinho da minha madrasta. Fugimos por causa de uma fofoca inventada pelas irmãs da minha madrasta.

Fomos morar em Santa Terezinha, comunidade que pertencia ao município de São João no Paraná. Tivemos 8 filhos, Antônio (*in memoriam*), Catarina, Regina, Leoclide, Eurides, Isabela, Joceli, Ivonete, e a caçula Claudete. Tenho netos bisnetos e tataraneto.

Vivemos 22 anos e ele foi embora com outra mulher, me deixando com 8 filhos, pagou 5 anos de pensão e depois nunca mais ajudou. Me magoou o fato de sempre ter trabalhado lado a lado com ele, puxando carroça e enchendo de pasto, descarregando muitas vezes sozinha. Me lembro que uma vez os bois derraparam, quase me matou, se não fosse o patrão correr para me ajudar.

Meu patrão Angelino Mezzomo (*in memoriam*), foi muito prevalecido, trabalhei muitos anos com ele e nunca reconheceu o que eu fiz, nem mesmo quando ficava doente ele não dava dinheiro pra comprar remédio, até hoje quando lembro, tanto do patrão como do meu ex-marido fico triste.

Neste momento me recordo que quando meu ex-marido estava muito doente, meus filhos pediram que eu fosse até ele para aceitar seu perdão, assim eu fiz, mas ele não falava mais e sua filha pediu pra ele apertar minha mão, essa foi a forma que usou para me pedir perdão.

Por conta dessa situação eu aprendi a trabalhar em muitas coisas, roçar, plantar grama, limpar feijão, milho, soja enfim, eu fazia tudo o que aparecia para sustentar os filhos, incluindo ir muitas vezes de madrugada pegar o caminhão de boia fria. Hoje percebo que fui guerreira criei meus filhos sozinha, todos estudaram, ensinei eles serem honestos trabalhadores e perdoadores.

Hoje todos seguem a Deus e isso me deixa muito orgulhosa, sou feliz apesar das dores que sinto, resultado de tanto trabalho.

O Centro Dia é pra mim um lugar maravilhoso, todos são tratados iguais, quando vou fazer fisioterapia na FADEP, falo para as minhas amigas de quanto eu gosto de vir aqui, isso me faz muito bem, melhorei a memória, gosto muito de pintar, conversar com as amigas.



“Nunca desanime, a vida vale a pena, vá em busca de alegria e amizade, isso nos ajuda viver melhor”.

Maria José Vasconcelos

Maria começou a participar no Centro Dia em 09 de setembro de 2016, sempre muito serena e centrada.



Maria Stral de Freitas, 74 anos, nascida no interior de Pato Branco na localidade de Bela Vista, no dia 05 de agosto de 1945, filha única de Nicolau Stral e Matilde Bassanese. Maria sente muita falta de não ter tido mais irmãos para lhe fazer companhia, também não conhece nenhum parente por parte de mãe, não tem convívio algum.

Nasci gêmea com outra menina, que infelizmente faleceu no parto, nascemos de 7 meses e minha mãe me criou em uma espécie de estufa caseira, envolta com pena de galinha e litros de água morna um em cada lado.

Estudei até quarta série, na época como era difícil de ir à escola devido à distância, tinha que ir a pé. A escola era de madeira, não tinha nem o nome da escola, mas se chamava Escola Bela Vista.

Gosto de lembrar que aos domingos à tarde, com 12 e 13 anos, íamos nos poteiros brincar de boneca com as vizinhas, e ao final da tarde voltávamos para casa.

Com 19 anos casei-me com Adélio de Freitas meu vizinho. Meu marido gostava de sair pra ir em baile e não me levava, eu tinha vontade de sair por esse mundo, mas sem família para me ajudar não tinha o que fazer, eu sofri, mas hoje Deus me deu forças e vivemos bem, iremos completar 55 anos de casados e participamos juntos de atividades do grupo de idosos.

Percebo que a vida hoje é mais fácil, é melhor que antigamente, hoje ganhamos muita coisa como roupas por exemplo, antigamente não se ganhava nada.

“Amor nos estudos e amor no serviço, isso faz as pessoas serem melhores”.

Maria Stral de Freitas

Maria começou a participar no Centro Dia em 2 de agosto de 2017. Maria nos contagia com sua paciência e tranquilidade, é um doce de pessoa.



Maria Luz Trauthmam, nascida em 15 de setembro de 1932 no município de Palmas. Filha de Manoel Ribeiro e Dalva Madureira, os quais tiveram vários filhos, Napolião, Francisco, Bastião, Lauro, Nena, João, Elvira e Maria.

Minha infância foi na roça, junto a minha família. Meus pais sempre deram toda a assistência necessária a todos os seus filhos em especial a mim e minha família.

Me casei com Epáminondas Antônio Trauthmam, tinha o apresso de minha sogra por ter uma conduta de boa

moça. Tive sempre uma boa relação com meu esposo e da nossa união tivemos 5 filhos, Vilson, Wilson, Edson, Nilva e Alcemira.



Sempre fomos uma família muito unida, quando as crianças eram pequenas, nós sempre íamos a igreja juntos e passeávamos bastante.

Lembro de um momento quando o meu esposo chegava do trabalho, eu aguardava ele com a comidinha pronta, e sempre dava carinho, e logo após ele ia deitar no chão e eu com as crianças íamos deitar junto, tirávamos o chapéu e as botas para brincar em família.



Meus filhos eram crianças bem ativas, corriam, jogavam bola em dia de chuva dentro de casa, as vezes isso me encomendava. Cuidava dos meus filhos e trabalhava fora como domésticas para ajudar no sustendo da família e ainda arrumava um

tempo para auxiliar as pessoas adoentadas. Por um longo período lavei roupa para um time de futebol.

Tive um derrame, a sequela foi a perda da fala, infelizmente não pude ensinar e auxiliar meus filhos em seu amadurecimento, no entanto meu esposo, com a ajuda dos meus pais, conduziu a educação deles para um bom caminho. Com a nossa separação meu pai encaminhou todos eles, as meninas para a casa de tias e os meninos para o trabalho.

“Sou feliz porque me sinto amada”.
Maria Luz Trauthmam

Relato de sua filha, Alcemira:

Nós como filhos evitamos qualquer tipo de aborrecimentos para mãe. Aos olhos dela somos uma família perfeita onde não há tristeza, lamuria ou rancor, ela não sabe de muitas perdas, não comentamos nenhum assunto que lhe traga tristeza.

Nossa mãe não é perfeita, têm seus defeitos. Quando está brava, apesar da dificuldade de comunicação, fala o que não deve (palavras não muito bonitas), acabamos brincando com ela: “Agora tá falando né”.

Ela não conseguiu desenvolver o seu papel por inteiro. Muitas vezes precisava de um conselho, um ensinamento, uma orientação, e ela não conseguiu se expressar, tudo devido a sequela daquela noite anterior ao nosso passeio a qual foi cancelado devido o derrame cerebral.

Maria começou a participar no Centro Dia em 13 de maio de 2009. Sempre alegre, carinhosa, muito amada por todos, nunca falta.





Marli Terezinha da Costa, 69 anos, nascida no interior do Município de Erechim, no dia 2 de junho de 1950, filha de Bento da Costa Trindade e Irma Lettrari Trindade. Casou-se com Leandro Alves da Costa, 68 anos, que era Motorista de ônibus do Município de Chopinzinho com quem teve 3 filhos, sendo 2 homens e 1 mulher, Evandro, Marcelo (*in memoriam*) Bruna.

Meus netos são: do Marcelo, Tamara e Camili, e uma bisneta pela parte da Tamara qual se chama Sofia; da Bruna: Maria Luiza.

O dia mais feliz foi quando meus filhos nasceram, eles são a razão da minha vida. A Bruna sendo a primeira e única filha mulher, possui o dom de cantar igual ao meu, e ama o que faz.

Algo que jamais vou esquecer, porém gostaria que nunca tivesse acontecido, e lembro a cada dia da minha vida com imensa tristeza e uma dor incalculável no meu coração, foi quando recebi a notícia que meu filho Marcelo de 40 anos, havia falecido após ter sofrido um acidente automobilístico, isso aconteceu há dois anos, mas a saudade é gigantesca.

Atualmente participo de 3 corais, e viajo praticamente todos os finais de semana para realizar apresentações. O amor que tenho por música e canto, vêm de herança da minha mãe, pois ela tinha uma orquestra com 11 irmãos.

Minha infância foi participar com meus pais e irmãos da nossa comunidade e tive uma vida de igreja bem intensa, estava sempre envolvida em apresentações de canto, adorava cantar na companhia com a minha mãe.

Tenho muita saudade ao falar da região de Ipuacu, que pertencente ao município de Abelardo Luz/SC, onde convivi com seus pais e minha família, pois tive uma infância muito boa, vivia em terra arrendada, ajudava meus pais na lavoura trabalhando muito.

Deixo como conselho as pessoas mais jovens de nunca fazer coisa errada e sempre obedecer aos pais, pois sempre fui uma pessoa honesta e correta.

“Coragem para enfrentar as dificuldades que a vida nos traz”.

Marli Terezinha da Costa

Marli começou a participar no Centro Dia em 16 de março de 2019. Muito querida por todos, tem uma voz linda e um coração enorme.

Momentos do Espaço de Convivência:

Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Matilde Zeferino Gomes, nascida 05 de julho de 1935, no município de Joaçaba/SC. Filha de Antônio e Cicília, os quais tiveram sete filhos, são eles: Irineu (*in memoriam*), Marília (*in memoriam*), Abílio (*in memoriam*), Matilde, Lurdes, Helena, José (*in memoriam*).

Passei minha infância no município de Caçador, nossa brincadeira era de esconde-esconde nos rolos de alfafa dentro do paiol.

Casei-me com 14anos de idade com Debrain Gomes, ele já tinha 19 anos. Nosso casamente sempre foi muito harmonioso, tivemos 8 filhos, Ironi, Vilson, Pedro, Vadivildo (*in memoriam*), Milton, Anildo, Anilto, Marli.

Meus netos são: Da Ironi: Cleuber, Leandro e Luca.

Do Vilson: Cleuber, Neila, Alison, do Pedro: Dionathan, do Milton: Kelly, Karen, Matheus, do Anilto: Aline (*in memoriam*), Pricila, da Marli: Huesli, do Anildo:Arthur e a Alana.

Lembro de quando meu esposo trabalhava na roça, muitas vezes ia de mula levar almoço a ele. Nós éramos tão unidos que eu lavava as roupas pequenas e ele as grandes, ele limpava o assoalho enquanto eu fazia o jantar. Lembro com carinho de algumas coisas que aconteceram comigo durante minhas gestações. Ele era bom demais para nossa família, muito apegado aos filhos e a mim.

Tenho muito orgulho dos meus filhos, todos são muito trabalhadores e honestos.

No Natal consigo reunir toda a minha família, até meus bisnetos vêm passar as festas comigo, hoje moro com a minha filha Marli e meu genro, que cuidam muito bem de mim, quando eu quero ir para Vitorino passear e visitar minhas amigas, eles estão sempre dispostos a me levar.

“Família unida é a maior riqueza que podemos ter”.
Matilde Zeferino Gomes

Matilde começou a participar no Centro Dia em 02 de setembro de 2019. Matilde amiga e carinhosa, demonstra um carinho especial pela equipe, sempre participativa nas atividades.

Momentos do Espaço de Convivência:

Visita no Parque do Alvorecer





Miguelina Martins Guimarães, meus pais são Basílio Martins e Maria Antônia de Lima, nasci dia 9 de setembro de 1939. Da união do meus pais nasceram: Osvaldo (*in memoriam*), Francisco (*in memoriam*), Antoninho (*in memoriam*), Maria Juvelina, Celita, Valdemar Osmar, Edemar, Walter, João, Gilmar, Dorival.

Meu pai faleceu quando eu tinha 5 anos de idade, então fui morar com minha avó materna, a qual também faleceu, eu tinha 8 anos quando isso ocorreu. Passei a morar com uma família, trabalhava de babá e cuidava de uma casa que tinha 13 peças, organizava tudo sozinha.

Infelizmente não tive infância e não fui na escola. A comida que eu mais gostava era pão. Minha mãe gostava muito de cantar cantiga de roda junto com o meu pai, tenho apenas essa lembrança gostosa.

Ao longo dos anos, os filhos foram meus professores e me ensinaram ler e escrever. Conheci meu esposo aos 12 anos, aos 14 ele me pediu em namoro, aos 15 anos casamos, no dia 4 de maio de 1953. Desse amor nasceram 9 filhos, Ivam, Itamar, Ivor (*in memoriam*), Itacir (*in memoriam*), Idalecio, Ivone, Irene, Ildes, Ires.

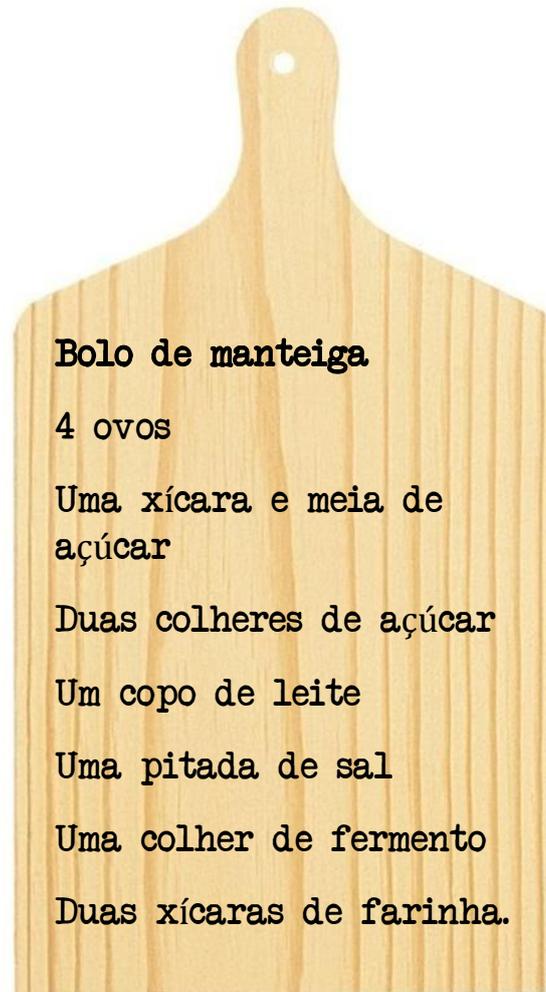
Sempre fui do lar meu esposo era serralheiro e depois teve a profissão de carpinteiro. No casamento sempre fomos muito felizes, a felicidade ficou maior quando buscamos juntos o verdadeiro amor de Deus na igreja. Nossa união durou 54 anos.

Ser mãe é uma bênção de Deus e antes de dormir cantava a música colcha de retalho para eles. Brincávamos muito de passa-anel, de cantos, e muitas histórias em volta do fogão a lenha.

Tenho 18 netos, Marcelo, Igor, Jackson, Jonathan, Jefferson, Sabrina, Maria Clara, Larissa, Guilherme, Patrick, Bruna, Mariceli, Marielle, Lidiane, Lucas, Luana, Marine e Marlon. Catorze bisnetos, Géssica, Janaina, Karen, Antônia, Lucas, Mateus, Emanuel, Nicolas, Petrick, Victor, Samuel e Eloisa e os 2 baianos. Oito tataranetos, são eles, Emily, Leonel, Iasmim, Pablo, Echeley, Iago, Ariel e o Diogo.

A vida hoje é muito boa, mas acho falta de meu esposo. Sou feliz apesar de morar sozinha, tenho os filhos todos por perto.

Uma receita que gostava de fazer que aprendi aos 9 anos:



“Saiba que no mundo haverá tribulações, mas filhos nunca desanimem, sejam sempre fortes”.

Miguelina Martins Guimarães

Miguelina começou a participar no Centro Dia em 12 de maio de 2016. O espaço de convivência representa para mim alegria paz união com todos, amo a Zenaide amo as professoras o motorista todos moram no meu coração.



Natalino Antônio Andrade, nascido em 24 de dezembro de 1932 na localidade de Água Santa distrito de Passo Fundo/RS. Filho de Simião e Cecília, que tiveram vários filhos (não recordo o nome dos meus irmãos).

Minha infância, foi na roça, os vizinhos que havia moravam muito distante, devido a isso brincava sozinho. Juntava jabuticaba e como tinha muita fartura da fruta, as vezes ia vender no povoado para comprar doce. Em uma das minhas idas para colher a fruta, visualizei de longe um tronco de pinheiro caído na estrada, quando me aproximei vi que era uma imensa cobra e outras pessoas também viram, mas ninguém teve coragem de matá-la.

Casei-me aos 19 anos com Dilva Maria, que tinha apenas 13 anos, dessa união tivemos 9 filhos Nerso, Mauri, Rosalina, Cláudio, Moacir, Laudir, Miguel, Rudi e Mirto.

Meus netos são:

Do Nerso: Luana e Daiane

Do Mauri: Letícia, Patrícia, Fernando e Elías

Da Rosalina: Jonei, Jonhy, Jean

Do Cláudio: Luiz Henrique

Do Moacir: Nardo, Adriana

Do Laudir: Maria Eduarda, Mariane e Taís

Do Miguel: Silvana, Salete, Eliane e Flávio

Do Rudi: Bruna, Gabi e Helena

Do Mirto: Cíntia Mara e mais 30 bisnetos.

Gosto muito de declamar uma poesia qual aprendi no Rio Grande do Sul:

Rapaz Valente

No sertão de Terezinha habitava um fazendeiro, ele era materialista, mas a bem de interesseiro.

Amava duas coisas, homem valente e dinheiro.

Porém, falava no meio de muita gente, dizia: eu tenho uma filha, mas é uma moça decente.

Para casar com ela tem que ser um rapaz valente,
Poucos dias depois a notícia se espalhava,
qualquer rapaz solteiro que pela estrada passava,
já ia com tanto medo que nem pra fazenda olhava.

E a Sofia se lastimava dizendo:

- Até quando vai esse meu padecimento,

Sem saber de onde sai.

Ei de ficar solteira pra dá desgosto pros meus pais,

Mas depois enxugava as lágrimas, que banhava seu lindo rosto.

Dizia Eu: - Ei de encontrar um rapaz disposto,

Falarei que aos meus pais, que não passe desgosto

E o rapaz sabendo disso, correu atrás da donzela

Viu que não encontrava outra moça igual àquela.

Hum decidiu dizendo:

- Hoje vou roubar ela.

Se armou de revolver e munição e seguiu a estrada da casa do patrão.

Encontrou um a criada com a cadeira na mão,

E perguntou: Onde fica o quarto da filha do teu patrão?

Fica do lado esquerdo, pela porta do oitão.

Tanto se escondeu, tanto que se retraiu

Ele entrou no quarto da moça e ninguém, pressentiu,

e quando serviu a janta Sofia foi se deitar



Encontrou com aquele rapaz e ficou sem falar.;
Mas ele muito ligeiro, pegou ela pela mão.
- Fica quieta minha querida, nós arrumar tudo sem precisar de questão.
Mas Sofia passou a noite muito assustada.
Quando foi no outro dia por sua mãe foi chamada,
para fazer o serviço como era acostumada.
Quando ela serviu o café,
Sofia ao quarto voltou,
e trouxe o rapaz pela mão.
E para o seu pai apresentou:
E o rapaz era valente, seu rosto nada mudava
Ele cravou um punhal na mesa.
E vinha e se aproximava,
- Tá aqui o rapaz valente que a tempo tu procurava.
O velho avançou no rapaz,
que nem a onça assanhada.
O rapaz levou o corpo e lhe deu uma apunhalada,
o velho caiu no chão e não pode dizer mais nada.
Avançou quatro irmão da Sofia,
atiraram de queima bucho e nenhum tiro atingia,
cada pulo que ele dava um ou outro ele erguia.
Em meia hora de luta, estava uma confusão;
Um correu sem valentia;
os outros ele picava no chão.
Quem me contou essa estória foi um rapaz muito sério,
Foi testemunha de vista de esse tal Elton Funero,
O corpo foi levado no cesto do cemitério

“Uma boa conversa anima a alma”.
Natalino Antônio Andrade

Natalino começou a participar no Centro Dia em 13 de maio de 2018. Gosta muito de declamar a poesia e conversar com os amigos.



Nelcinda Nogueira

82 anos, nascida em Joaçaba/SC no dia 17 de julho de 1937. Filha de Miguel Gonçalves Cândido e Maria Rodrigues das Dores, teve 7 irmãos e 2 irmãs.

Aos 5 anos de idade Nelcinda morava na comunidade de Abundância, pertencente ao Município de Mangueirinha/Pr. Sua infância foi boa, brincou bastante, e também trabalhou na roça com enxada e foice.

Teve 13 filhos, todos nascidos em casa com parteira, 5 hoje são falecidos, morreram por causa de Sarampo ou “Bicha”, dos filhos vivos 3 são mulheres e o restante homens, dois residem em Honório Serpa e os outros residem no Bairro São João.

A vida era sofrida quando morava na colônia porque tinha que trabalhar muito, as vezes ficávamos sem comer, eu e meu marido, para poder alimentar os filhos para irem à escola.

Gostava muito de ir a bailes, na época achava a maior diversão, dançava muito. Tinha um primo que era chamado de João Violeiro, o qual casou-se com uma índia em Mangueirinha/PR, durante as festas, João comia até uma dúzia de ovos, fazia um furo e tomava para dar disposição. Mas João começou a beber e os índios acabaram o matando.

“Não faça nada de mal, não fale bobagens, e sempre ser uma pessoa boa para todos”.
Nelcinda Nogueira





Nelcinda começou a participar no Centro Dia em 03 de novembro de 2017. É uma das mais idosas que temos no projeto, é muito querida e meiga, gosta de participar das atividades.

Momentos do Espaço de Convivência:
Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Nilva Terezinha Senidos Passos, nascida em 27 de fevereiro de 1944 no município de Erechim/RS. Filha de André e Ortenila, que tiveram mais cinco filhos, Vilda, Nilva (eu), Neiva, Altair e Maristela

Na minha infância trabalhei na roça ajudando meus pais a buscar o pasto e colocar nos cochos das vacas, sempre que eu conseguia cumprir com os afazeres de casa, minha mãe deixava brincar com as amigas vizinhas. Adoro fazer o serviço da casa, sempre fui muito caseira.

Casei-me com Dimas, dessa união tivemos duas lindas filhas, Grislane e a Adriane, ambas formadas e casadas. Meus netos são, Deivid, Ruan e Iasmim.

Meu casamento foi bom, meu esposo sempre respeitava e amava nossa família, apesar de algumas vezes se implicar com alguém ou discordar comigo em algum assunto.

Sempre fui muito apegada aos meus pais, o lazer da nossa família era nos reunir aos finais de semana e datas comemorativas, cantávamos em italiano e fazíamos diversas brincadeiras, jogava canastra em família, a mãe com as filhas e noras, contra o pai, filhos e genros, muito divertido.

Hoje moro com minha filha Grislane meu neto Deivid e meu genro Jakson, sou muito bem cuidada por eles, mas amo também minha filha Adriane, meus netos Ruam e Iasmim e o genro André, que igualmente me cuidaram com carinho quando morei com eles.

Fiquei muito feliz, da Grislane ter encontrado um lugar maravilhoso igual a esse, um verdadeiro aconchego, muito obrigada querida filha, foi um dos melhores presentes que ganhei.

O Centro dia é um projeto encantador, aqui nos sentimos muito bem, somos tratados com carinho, amor e respeito e esquecemos as tristezas, eu nunca imaginei que um dia iria participar de um lugar tão abençoado igual aqui, **muitas vezes pensei antes de conhecer o centro dia “o que vai ser da minha vida”?**



Agora tudo mudou, não preciso mais ficar sozinha em casa (minha filha trabalha o dia inteiro fora) sei que tenho pessoas amigas que vão me ajudar. Gosto muito de fazer pintura, jogar domino, cantar, de participar dos alongamentos.

“A maior riqueza que se pode ter é a família, e eu amo a minha”.

Nilva Terezinha Seni dos Passos

Nilva começou a participar do Centro Dia, em 29 de outubro de 2019.

Momentos do Espaço de Convivência:

Atividade intergeracional com as crianças do Remanso da Pedreira.





Oralice de Souza Ribas, nascida em 25 de Fevereiro de 1930, em São Pedro do Sul no estado do Rio Grande do Sul. Filha de Seu Evangelista e Dona Sylvana, os quais tiveram sete filhos, 3 homens e 4 mulheres, são eles: Georgina (*in memoriam*), Simpliciano (*in memoriam*), Fabriciano (*in memoriam*), Iracema (*in memoriam*), Oralice, Cristiano e Amandia.

Tive uma infância muito boa, tinha que atravessar um riacho a cavalo para ir à escola, deixava ele pastando ao redor do paiol de estudo, estudava durante o turno integral. Minha professora da terceira série era namorada do meu irmão naquela época, com o passar do tempo se tornou minha cunhada.

Meu pai sempre foi muito preocupado com os filhos, os meninos o ajudavam na lavoura, as meninas na casa, ele nunca permitiu que as mulheres fossem trabalhar na roça.

Quando tinha doze anos de idade, minha mãe faleceu. Meu pai casou-se novamente com uma gringa, muito boazinha, sempre muito atenciosa comigo e com meus irmãos. Tive a arte de “cozer” bem nova, aos doze anos com a falta da minha mãe, aprendi a fazer roupas para meus irmãos.

Na minha adolescência adorava ir a bailes, eles eram feitos quase sempre na sala das casas de família, a moda da época eram as valsinhas tocada nas gaitas. Aos dezessete anos casei-me com Anisio Moreira, esse foi o dia mais feliz da minha vida, e aos dezoito tive meu primeiro filho. Ao total eu tive oito filhos, Délcio (*in memoriam*), Ironi, Eloí, Jurandi, Lino, Marilene, Ivori, Flávio.

Meus netos são, filhos de:

Délcio: tenho a Magali, Washington, Elisana, Eliezer,



Ironi: Jane, Joel, Junior e a Giseli

Elói: Eliane e Elinai

Jurandi: Edison, Edinei, Eliton, Kelita

Lino: Gisele, Arlei, Tamara, Laura

Marilene: Douglas, Danieli

Ivoni: Cezar e Natan

Flávio : Jean

Fiquei casada 36 anos, infelizmente a morte separou-me do meu marido.

Fiquei viúva com 53 anos e optei por ficar sozinha, após o falecimento do amor da minha vida, fiquei morando com os filhos, hoje moro com Jurandi.

No Centro Dia me sinto muito alegre, muito feliz, aprendi muita coisa,

tenho minhas amigas para conversar, uma equipe especial que me cuida com muito carinho e muito amor.



“A determinação precisamos ter em nossa vida toda”.

Oralice de Souza Ribas

Oralice começou a participar no Centro Dia em 11 de julho de 2016. Oralice quando amada, gosta de conversar, participa das atividades, e meiga e amiga.



Pelvino Rissono, nascido no município de Passo Fundo em 20 de maio de 1950. Filho de João José e Teresa, que tiveram 10 filhos, Antônio, Lurdes, Disulina, Terezinha, Vanda, Luiz, Salete, Libera, Jandira.

Na minha infância adorava pescar, caçar e andava muito a cavalo, só com o buçal no puro pelo. Ajudava muito na lavoura, amansava boi, cavalo e os touros da fazenda, fazia plantação no muque e colhia com foice rasteira.

Casei aos 20 anos com Teresa Bortoloto, tivemos 3 filhos homens, Lindomar, Rodimar e Volmar. Permaneci 10 anos casados. Casei novamente com Marisete da Luz, e tivemos 2 filhos, Thiago e Adriana. Quando as crianças eram pequenas ela foi embora e eu fiquei sozinho para cuidar deles, trabalhar fora, limpar a casa lavar roupa cozinhar, enfim fazer tudo.

Todos os dias levava os meus filhos dentro do carrinho de papelão na Fundabem, muitas vezes eu saía de casa ainda escuro, para aproveitar bem o tempo, mesmo que chovesse eu os levava, porque lá eu sabia que eles não passariam fome, protegia eles com papelão, mas eu ficava ensopado. Trabalhar para mim era o mais importante era minha responsabilidade cuidar educar e alimentar eles.

Apesar das dificuldades nunca deixei faltar o necessário, mesmo doente eu ia catar papel. Foi através da FUNDABEM que o Rotary ficou sabendo da minha situação, morava debaixo da lona, eles se comoveram com isso e construíram uma casa pra nós, sou muito grato por isso.



Minha profissão por muitos anos foi catador de papel, trabalhei com Sr. João do Papel, assim o chamávamos. Também trabalhei cortando grama e limpando terrenos para poder ter um dinheirinho a mais, nunca tive preguiça, e nunca escolhi serviço.

Hoje moro sozinho, muitas vezes me sinto triste por muitas coisas que aconteceram e ainda acontecem comigo, tenho um casal que são meus amigos de verdade, o Adelino e a Maria, eles sempre me ajudam, agradeço coração.

Aqui no Centro Dia, sou muito bem tratado, todos se preocupam comigo, faço as atividades e gosto de brincar com as crianças do projeto.

“Acreditar em Deus te faz forte”.

Pelvino Risson

Pelvino começou a participar no Centro Dia em 06 de novembro 2017, um idoso emotivo por tantos sofrimentos, muito bem visto pelos amigos, participativo.

Momentos do Espaço de Convivência:
Participação no IV Encontro das Mulheres Urbanas.





Santina Dias, nasci em Londrina do dia 27 de agosto de 1937, meus pais se chamam, Antônio Dias Moraes e Alvina Dias Moraes, tiveram 11 filhos, eu Santina, Rita (*in memoriam*), Paulo (*in memoriam*), Daniel (*in memoriam*), Ezequiel (*in memoriam*), Noel (*in memoriam*), Israel (*in memoriam*), Maria, Gesilda, Leonora,

Quando eu tinha mais ou menos três anos de idade meu pai foi morar no Sertão de Cambé, um lugar isolado, era sertão mesmo, tinha todos o tipo de animais até onça. Um dia, as cabritas entraram correndo dentro da nossa casa, por ser uma casa muito simples de chão batido, minha mãe já sabia que era por causa de uma onça que estava atrás dela. Então minha mãe, muito corajosa chamou os cachorros, pegou uma carabina e foi atrás onça para matá-la. Nisso chegou meu pai, e nós estávamos sozinhos em casa, ele ficou muito preocupado e saiu correndo atrás da nossa mãe, tocou a buzina para que os cachorros pudessem voltar, mas não voltou nenhum, somente minha mãe, pois os cachorros à onça tinha matado, ela somente matou os animais, porque ela não come carne de cachorro.

Meu pai disse: - Alvina, porque que você fez isso, poderia ter morrido!

Ela respondeu: -Precisava ir atrás da onça, pois fiquei com medo dela retornar aqui em casa e pegar um dos nossos filhos, por isso que eu fui atrás dela.

Me lembro quando íamos para casa dos meus avós, eram dois dias de viagem, levantávamos na madrugada, minha mãe fazia um revirado de frango, quando chegava perto de um rio depois de andar mais de meio dia, meu pai parava amarava os cavalos para eles comerem e beberem água.

E nos também comíamos, descansávamos um pouco e pegávamos os cavalos novamente e seguíamos a viagem, chegávamos ao escurecer na casa do compadre do meus pais, ali nos dormíamos uma noite. A comadre deles, fazia outro revirado para a viagem, saíamos novamente de madrugada, chegava na casa dos

meus avós, ainda tinha um tímido de sol, pois chegávamos ao entardecer do

segundo dia de viagem. Minha mãe levava meu irmãozinho no colo em cima do cavalo qual ela guiava, porque ele era o bebê, já eu, ia no colo do meu pai, no outro cavalo. Nós como éramos crianças, acabávamos dormindo bastante visto que a viagem era muito cansativa.

Já a segunda viagem que eu recordo para a casa dos meus avós, foi para o casamento da minha tia Ana, no ano de 1941. Quando estávamos chegando, de longe eu vi bastante gente junto, perguntei a minha mãe: -A Tia Ana já casou? mas quando chegamos perto vimos que na verdade não era o casamento da Tia Ana, e sim o velório da minha prima Alvina, que tinha o mesmo nome da minha mãe. Havia acontecido uma tragédia, meu primo Benedito tinha matado minha prima, a sua própria irmã, com um tiro, não porque ele quis, ele foi matar um veado em uma sexta-feira, como minha prima não gostava que ele fizesse isso, ela acabou se jogando na frente da carabina, e o tiro infelizmente atingiu ela.

O casamento ocorreu da mesma forma, uma vez que estavam todos os preparativos prontos, no entanto devido a fatalidade não teve festa, em razão de todos estarem muito tristes com o ocorrido com a prima Alvina. Infelizmente tenho essas lembranças até hoje em minha memória.

Outras lembranças que também trago na minha memória é quando eu tinha mais o menos 11 anos, meu pai plantava café, era 4 alqueires de terra, e torno de oito mil pés de café. Ao derrubar a mata, era preciso arrumar as madeiras para colocar em cima das covas de café, no entanto naquela época era muito difícil encontrar alguém que ajudasse, então nós, mesmo pequeninos, íamos ajudar a trabalhar junto do pai, a gente tinha muito medo, havia muitas cobras, também era muito quente, não tinha calçado para colocar nos pés. Uma vez meu pai comprou tamanco feito de madeira, como era muito duro o sapato, meu irmão ficou com tanta raiva que pegou e jogou dentro do buraco do tatu.

O trabalho era difícil, o pai exigia que fossemos trabalhar, diferente de hoje que as crianças e os adolescentes não trabalham e muitos vezes não respeitam

seus pais, um dia eu não queria trabalhar porque estava cansada e não gostava daquele trabalho, então pensei em fazer alguma coisa para não trabalhar, peguei uma planta de ortiga passei nas minhas pernas e braços para que ficasse todo cheio de bolinha para ir para casa, assim não precisar mais trabalhar, fiquei quase louca de tanta coceira e dor e eu precisava andar uns dois quilômetros para chegar em casa e se lavar, fui pulando, gritando e chorando até chegar ao rio, mesmo assim demorou um dia para passar a dor, e ainda tive que ficar escondida para que meu pai não me visse, porque se visse, eu ia apanhar por ter feito aquilo. Mas aprendi, nunca mais passar nem perto das ortigas.

Foi um tempo difícil, mas tenho muitas saudades, ajudava minha mãe tirar leite, limpar a casa, como era grande, precisava buscar pipa de água, meu irmão que trazia para mim. Sempre tive muito orgulho e carinho pelo meu pai, era um homem forte, um cantador de viola, ele mesmo inventado a música cantava, recordo dessa música que meu pai me ensinou a cantar, já faz uns 71 anos, mas ainda me lembro:

*“Romance pra dar tristeza Romance de Magalona
Por ela ser tão faceira ter sua vida tirana
Ela nasceu pra passar gosto, mas sua vida foi a Margana
Por ter um namoro com José Paulo Franco Albano
Pedi ele em namoro ele foi se disfarçando
Sou pobre e não mereço apanhar rosa no ramo.
O pai e mãe de Margona foi reparando
Chamou sua filha e bom conselho foi dando
Minha filha onde você está que não está enxergando
Deu trabalho pra criar pra qualquer um entregando
Quero ver você amortalhada e o pessoal todo rezando
Do que ver você casada com José Paulo Franco Albano
Neste dia ela ficou triste
Varou o dia chorando
Naquele jardim de flor sua vida considerando
Nesta triste madrugada ela foi se retirando
De sua terra natal ela foi se desgostando*

*Ela foi para presidente
E depois para Indiano
Ela correu dezoito estado e todo fez propaganda
Falava quatorze língua
Língua portuguesa e também língua africana
Seu pai quando soubera foram na estação
Passaram muitos telegramas
Um preto velho feiticeiro trabalhando
Disse que ela estava no rio residindo em bocainha
Ela deitou pra descansar e dormindo estava sonhando
Ela voltou pra sua casa nos trajar de uma cigana
Ela chegou e pediu bênção pra seus pais eles foram estranhando
Com uma mão abençoava a outra foi abraçando
Foi num dia de muita alegria que abalou toda a zona”*

Eu cantava com meu pai nas festas, mesmo que estivesse dormindo, eles me chamavam para cantar, fui crescendo assim, no trabalho da rocha tirando leite, cantando com meu pai. Eu e o Daniel fomos os que mais sofremos, tínhamos dois anos de diferença, éramos como se fossemos irmãos gêmeos, porque nós fazíamos todas as coisas junto.

Depois meu pai começou a criar porcos para vender, levava na cidade de São Paulo, mais exato em Presidente Prudente, para chegar lá, precisava atravessar o Rio Ipanema, qual era bem largo. Desse modo tínhamos que amarrar os porcos pelos pés, só assim conseguimos atravessar de canoa. Do outro lado do rio tinha um chiqueiro que os porcos ficavam até dar a carga para o caminhão vim buscar, nessa época eu e meu irmão pegamos a doença da malária, quase morremos, nosso pai nos levava na cidade de Presidente Prudente para consultar.

Quando eu tinha uns 13 anos, mudamos para o norte do Paraná, comunidade chamada Santa Inês, nesta comunidade morava meus primos, o pai continuou com a criação de porcos.

A nossa casa era um casarão bem grande e tinha baile, mas o pai não participava porque ele só gostava de moda de viola.

Num baile desses, meu primo Sebastião chegou para o seu Teodolino e disse: Namora essa moça que só fica sentada nos cantos. Ele, me chamou para dançar e começamos a namorar naquele dia. Ele trabalhava no sítio do meu tio, era leiteiro, fazia derrubada de árvores, para plantar café, muitas vezes ele tinha até 25 peões o ajudando nesse trabalho, naquele tempo quem tinha bastante gente para trabalhar se chamava gato.

Depois de três anos de namoro, eu tinha 18 e ele com 30 anos, nos casamos na cidade de Itaguajé/PR uma cidade próxima a Santa Inês/PR, era onde tinha cartório. Minha vida de casada foi sofrida, logo que casamos fomos morar num lugar longe de meus pais, cidade Diamantina/MG numa fazenda de uns tios do meu marido, chamados Tônico e Sebastiana, ficamos 06 meses nesse lugar porque meu esposo Teodolino ficou doente com uma Febre Tifo, eram poucas pessoas que sobrevivem com essa doença. Nessa época eu já tinha a Maria, vendi tudo o que tinha e fui pagar aluguel, numa casinha bem pequena, estávamos passando fome quando minha sogra veio e nos ajudou, dali fomos para o Mato Grosso, Eldorado, ficamos 4 meses e voltamos para o sítio de meu pai o lugar onde casamos no Paraná, ali nasceu José, depois de 4 anos nasceu a Regina em Goioerê/PR, Inilda e Zenilda em Iguatu/PR que eram gêmeas, mas com um ano e três meses a Inilda faleceu, Miguel e Valdivia nasceram em Iguatu/PR, foram muitas mudanças, acho que mais de 60, nem recorde de todas.

Para os meus filhos dormir eu cantava:

*“Filho querido a qual é a tristeza que existe não
Quero você triste deixe de tanto chorar”.*

Lembro que também cantei para o José meu filho quando assaltaram nossa casa e roubaram o aparelho de som dele, ele estava muito triste e fiz muitas orações para ele arrumar outro emprego e poder pagar as contas. As coisas melhoraram e compramos uma casa, na verdade ele quem pagou, esse meu filho é de ouro, aliás todos são.

Hoje minha vida está muito boa, fico um pouco triste por ter perdido meu marido que vivemos 50 anos juntos, apesar de ele não ser tão bonzinho, mas nunca me separei dele porque queria dar bom exemplo para meus filhos.

Sou muito feliz e grata pelos meus filhos, todos são especiais. Tenho uma neta que é registada como sendo minha filha, ela é muito amada, muitas vezes dorme comigo na mesma cama. O Miguel me cuida como se eu fosse uma criança, cuida dos meus remédios, da minha alimentação, não sai de casa e quando eu saio, ele me lembra: Não esqueça dos remédios que precisa tomar.

Trabalhei muito costurando, ganhava bastante dinheiro sustentava a casa comprava roupas e calçados.



“Acredite em Deus e tudo vai ser melhor”.
Santina Dias

Santina começou a participar no Centro Dia em 20 de março de 2017, sempre muito querida, amada gosta de participar das atividades de aprender novas tarefas, alegre e comunicativa.



Servina Francisca dos Santos, nascida no dia 25 de abril de 1963. Filha de Agenor Francisco dos Santos e Maria Antonia dos Santos, tiveram 10 filhos, um faleceu assim que nasceu, Antonio (*in memoriam*), Vilmar (*in memoriam*), Dercide, Gabriel, Santina, Marcolina, Lindaura, Iracema, José Servina.

Nasci e me criei na localidade de Realeza, meus pais sempre trabalharam na lavoura, eles se separaram quando eu tinha 6 anos, logo depois mudamos para a Argentina junto com meu irmão que na época morava lá. Nossa vida depois disso foi muito difícil, mudamos para vários lugares, mas mesmo quando meu pai estava em casa sempre trabalhamos bastante, ele era muito bravo, batia nos filhos e muitas vezes junto com a mãe corríamos para o mato para não morrer nas mãos dele. Todos os filhos ficaram traumatizados de tantas coisas que passamos, isso é somente umas das coisas que meu pai fazia, o resto nem vou contar por que é muito triste.

Depois de tudo isso, quando eu tinha 11 anos minha mãe e meu irmão arrumaram um casamento pra mim, assim ficava somente com meus dois irmãos em casa, ela pensava que se eu casasse estaria protegida e teria alguém para me cuidar, porque não tínhamos onde morar e sempre moramos de favor na casa de outros. Como minha mãe estava enganada!

Continuei sofrendo e trabalhando mais ainda, para sustentar meus 4 filhos, Adilsom dos Santos Edson dos Santos, Leandro dos Santos e Vanessa dos Santos. Aos 15 anos tive meu primeiro filho. Devido a tanto sofrimento acabamos nos separando e cuidei dos meus filhos sozinha, hoje sou feliz, tenho minha casa e moro com um dos filhos, mas os outros sempre vem me visitar.

“Amo minha família, gosto de estar reunida com todos”.

Servina Francisco dos Santos



Severino Rodrigues, nascido em 09 de julho de 1951 em Catanduvás/Sc. Filho de Izaura e Podalírio, os quais tiveram onze filhos: Severino, Dejanira, Albino (*in memoriam*), Valdemar, Sabino, Salete, Terezinha, Santana, Vilmar, Neri, Osmar.

Minha infância foi na lavoura, ajudava muito meus pais na roça. A escola era muito longe, levava os materiais em um pacote de açúcar, minha merenda era batata doce assada, e muitas vezes trocava o lanche com algum colega, estudei muito pouco, mas fui alfabetizado.

Conheci a esposa fazendo trabalhos domésticos para minha irmã Dejanira. Casei com Palmira aos 18 anos e nosso casamento durou 45 anos até que a morte nos separou. Tivemos 6 filhos, são eles: Demétrio, Vimétrio, Olodir, Maria, Augustinho, Margarete. Tenho aproximadamente 12 netos e uma bisneta.

Conheci minha nova esposa Edenir em um ponto de ônibus, namoramos 4 anos e a um ano estamos morando juntos.

“O Amor e o Respeito são importantes para ser ter uma boa união”.
Severino Rodrigue

Severino começou a participar no Centro Dia em 06 de novembro de 2019.



Sueli Bernardete Rosenbrock, nasci em 09 de novembro de 1955 no município de Blumenau/SC. Sou filha de Erica Rosenbrock, somos 3 filhas: Nazir (*in memoriam*) Zélia (Irmã Maria Pricila) e Sueli.

Na minha adolescência trabalhei na Hering, como seladeira e cortadeira, essa empresa me proporcionou o curso de costureira. Depois retornei aos estudos, cuidei de idosos para me formar como auxiliar de enfermagem. Logo fui trabalhar no hospital Santo Antônio na cidade de Blumenau.

Casei com 34 anos com Miguel de Oliveira, dessa relação tivemos uma filha, qual chama-se Marina. Hoje Marina é casada tem uma filha de 9 anos chamada Vitória.

Batalhei muito para a criar a Marina, trabalhei como diarista, vendedora de picolé e fiz muitos outros afazeres, para complementar a renda. Hoje ela reconhece todo o meu empenho.

Minha filha e sua família, são muito presentes em minha vida, nunca deixam faltar nada. Nas festas de final de ano, fazem questão de reunir toda a família, tanto do lado de Marina quanto do lado de Renato José.

meu aniversário eles sempre lembram e me presenteiam, me levam para almoçar e passar o dia com eles. Sou muito feliz com eles, quando fiquei doente a poucos dias, eles estavam lá mais uma vez ao meu lado para me ajudar.

“Sempre faça o bem as pessoas, porque um dia você vai precisar”.

Sueli Bernardete Rosenbrock

Soeli começou a participar no Centro Dia em 17 de maio de 2018, bastante comunicativa, alegre, gosta de fazer amizades e respeita a todos.



Valdemar Schermer, (*in memoriam*), nasceu em 29 de setembro de 1947, na cidade de Getúlio Vargas, na época era distrito de Floriano Peixoto como gosta de frisar, no estado do Rio Grande do Sul. Filho de Laura Piontkoski e de Herbert Schermer, descendente de alemães, filho mais velho de 5 irmãos, são eles: Valdemar (Eu), Florindo e Iracema (*in memoriam*), Salete e Flávio (*in memoriam*) do segundo casamento da mãe.

Valdemar faleceu em 27 de agosto de 2019.

Minha infância foi no interior, minha família vivia da agricultura. Com apenas 8 anos já estava órfão de pai, meu pai tinha apenas 30 anos de idade quando faleceu em virtude de uma tuberculose que adquiriu nos anos que prestou serviço militar. Deixou nossa mãe jovem com aproximadamente 27 anos com três crianças pequenas para criar. No período em que convivi com meu pai aprendi a falar alemão, e com a morte dele deixamos de utilizar a língua alemã. Outro motivo era que meu padrasto era de origem polonesa. Minha mãe casou novamente com Adão Antoniak, e dessa relação tiveram mais dois filhos.

Aos 18 anos resolvi sair de casa e ir trabalhar na cidade de Getúlio Vargas como pintor onde recebi uma proposta de ir trabalhar no estado do Paraná, na construção da barragem de Salto Osório. Trabalhei como ajudante de cozinheiro. Depois de um período na barragem decidi vir morar na cidade de Pato Branco, aqui trabalhei com auxiliar de carpinteiro e pedreiro, profissão que sempre gostei muito de exercer.

Esta cidade adotei de coração, casei-me, construindo assim minha família, tive dois filhos Roberto e Rogério. Após 18 anos de casamento, acabei me divorciando e decidi seguir a vida.



Sempre fui muito trabalhador, fiz minha história em grandes empresas do município como: Construtora Zamberlan, Catani, Atlas (antiga Petricoski), construtora Godinho, Prefeitura Municipal e por um período com autônomo. Em 2006 sofre um acidente de trabalho qual deixou-me inapto para o serviço. Em 2007 consegui minha aposentadoria. Neste mesmo ano nasceu meu orgulho, minha primeira neta Aline.

Relato do filho Roberto: **“Pai, você partiu deixando a saudade.”** O período que passamos juntos deu tempo de aprender coisas importantes para as nossas vidas: como o perdão e amor.

Seus sucessores:

Roberto, Eliane (nora), Aline (neta) e Rogério (neto).

Momentos do Espaço de Convivência:

Algumas atividades desenvolvidas diariamente.





Vicente Augusto Makcnovixz Peretto, nascido no dia 18 de janeiro de 1948, no lugarejo de Santo Augustinho do Rio Gavião. Dá relação dos meus pais somos 8 irmãos. Hoje vivos somente 3, o nome deles são Luiz (*in memoriam*) Ricardo (*in memoriam*) Lauryn (*in memoriam*) Nice (*in memoriam*) Maria (*in memoriam*) Oswaldo e o Lírio.

Meu nome foi em homenagem a cura concedida por Santo Augustinho, pois nasci com problema de visão, e meu pai fez uma promessa, se houvesse a cura de minha doença construiria a igreja na comunidade e colocaria as imagens de Santo Augustinho nela, como a graça foi atendida, meu pai cumpriu o prometido.

O nome da minha mãe é Aurélia Peretto e do meu pai Estefano Makcnovixz Peretto, meus avós por parte do meu pai vieram da Rússia, meus avós por parte da minha mãe vieram da Itália, ambos vieram naquele tempo para o Brasil fugidos da segunda Guerra Mundial. Muitos imigrantes ficaram refugiados devido à falta de conhecimento da língua materna, pois era obrigatório que falasse o português.

Quando minha mãe faleceu, meu irmão mais novo tinha apenas um ano de idade, eu já estava com 16 anos, precisei cuidar de todos os meus irmãos pois eram mais novos. Muitas vezes, meu pai saía para trabalhar em busca do sustento da família e demorava dias para voltar.

Naquela época não existia ônibus, fazíamos tudo a cavalo, pois o município de Pato Branco era um banhado, difícil a gente ver um carro, não tinha meio de transporte, o primeiro carro que vi foi uma Kombi, que era usada como lotação, passava ligando o Trevo do Patinho até no Trevo da Patrolinha, nessa época nem mesmo as ruas tinham nome.

Quando criança trabalhei muito na roça, mas também me divertia bastante, adorava quando fazíamos as pescarias, brincava de jogar bola com meus irmãos, tenho muitas lembranças boas da minha infância de quando minha mãe cantava cantigas da igreja para nos dormir:



“Mãezinha do Céu,
Mãe do Puro Amor
Jesus é teu Filho eu também, sou!”

As comidas que fazia era carne, arroz, feijão, polenta, pão caseiro, tudo era feito em casa e assado no forno de pedra, radície do mato para fazer salada, aprendemos fazer tudo sozinhos porque não tínhamos mais a mãe para ensinar, foi um aprendizado pro resto de nossas vidas. Nada era comprado, não conhecíamos açúcar branco somente o açúcar feito de cana-de-açúcar e o café eram feitos de soja.

A escola era de madeira, o professor fazia a tinta e colocava no tinteiro, molhava a pena e nos emprestava para escrever no caderno, quando escrevíamos errado o professor usava uma régua ou um rabo de tatu para nos corrigir (ditado dos antigos: uma surra mesmo).

Seu João Maria Felipe (*in memoriam*) era meu professor, ele ia para escola a cavalo. Tenho saudade de alguns colegas, Oris e o Itamar Franco, crescemos juntos porque morávamos perto, adorava jogar baralho e pescar com eles, sempre fomos muito amigos. Uma poesia que eu declamava muito, era de sete de setembro que diz assim:

“Lá vem sete cavaleiros,
todos eles de Portugal,
na mais bela de todas velas,
vem o Pedro Alves Cabral”.

Cantava hino nacional e o hino da bandeira”

Casei-me em 8 de fevereiro de 1969, em São Roque do Chopim, distrito de Pato Branco, conheci minha esposa em uma matinê, na casa do meu compadre, Generoso Duarte, dançamos muito naquele dia, na verdade até acabar o baile. Isso aconteceu no dia 6 de agosto de 1968, namoramos seis meses e casamos, nós dois trabalhávamos na roça. “Tenho saudade da época das festas da matinê, de quando limpávamos o paiol e arrumava os lampiões de querosene para poder ficar até mais tarde” (sic).

Construí uma casa de madeira para nós, dessa união tivemos cinco filhos Valdecir Antônio, Valdemar Assis, Terezinha Vanete, Fátima e Valmir André. Ser pai é ser responsável, cuidar e educar para não deixar eles irem para caminhos errados, ensinar a trabalhar ser honesto e dar muito amor e carinho.

Ajudei meus filhos, dei uma casa para cada um, hoje eles estão muito bem, todos trabalhando, uma das coisas que eu gostava de fazer era ensinar a trabalhar em diversas funções para ter conhecimento um pouco em cada área.

Minha esposa que cantava para os nossos filhos dormirem, uma das músicas que lembro é: “Dorme neném que bicho não tem, papai tá na roça mamãe logo vem”.

Meus filhos adoravam jogar bola e peteca, as meninas brincavam muito de boneca. Hoje tenho 15 netos, são eles: Henrique, Felipe, Tatiane, Tiago, Cassiane, Jean, Alan, Jordana, Marcelo, Adelir, Cristian, os Eduardos, Gabrieli e Jordana e do fruto de relações de meus netos vieram mais sete bisnetos, para alegrar meu coração.

Me aposentei com 57 anos de idade, estou aposentado há 14 anos. Agora estou aproveitando a vida com minha esposa, sou muito feliz por ter os filhos que tenho, me encho de orgulho deles. Eu e minha esposa estamos viajando duas vezes por ano, conhecendo lugares que nunca imaginávamos, com os idosos do CRAS Sudoeste e Ceu das Artes.

O centro Dia é um lugar onde fiz várias amizades, gosto de contar piadas e dar risadas. Passamos o dia aprendendo algo produtivo, aqui aprendi a fazer os quadros de prego com linhas. Me sinto muito feliz por isso, porque posso presentear as pessoas com as minhas obras de arte, já ensinei outros idosos a fazerem os quadros, participo dos alongamentos, da contação de história, das atividades de pintura e passeios, temos um delicioso lanche, aqui me sinto em casa, e hoje revivi meu passado, relembro minha própria história, foi muito emocionante.

Minha esposa Elvina de Souza Duarte, filha de João Duarte e Isabel Lemes de Souza, nascida 03 de dezembro em 1951 é muito querida, sempre foi e será uma excelente mãe e esposa. Gosta muito de vir no Centro Dia, de jogar baralho, e conversar com as amigas. Infelizmente por problema de saúde não é muito assídua no Espaço.



Vicente participa no Centro Dia desde 20 de fevereiro de 2017, ficou sabendo pelo rádio da existência do Espaço.



Vidalvina Carneiro, nascida em 28 de dezembro de 1949 em Guanabara/PR. Filha de Cenésio Antônio e Dona Leardina, os quais tiveram 14 filhos, são eles: Rentri (*in memoriam*), Brandina, Crisztantino, Diolinda (*in memoriam*), Menarde (*in memoriam*), Virginia (*in memoriam*), Idalvina, as gêmeas Marcelina e Ondina, Maria Olinda, João Batista, Maria Alvina, Osni (*in memoriam*) e Antôzinha.

Minha infância foi muito boa, apesar de trabalhar na roça, brincava muito com os irmãos, passeava bastante de cavalo, e visitava os vizinhos nos finais de semana. Uma lembrança que tenho, é quando ia buscar água no varão com dois baldes, sempre levávamos favos de mel nos bolsos das roupas, para ter energia para voltar pra casa, pois era muito longe o rio onde buscávamos água.

Casei-me com 14 anos de idade com Vitor da Cruz Ferreira, aos 15 anos fui mãe da primeira menina. Tive 8 filhos, são: Rose Maria, Altamir, Alceu, Arceni, Sirlei, Sirlene, Laurinda (*in memoriam*), Maria Terezinha (*in memoriam*). Sofri muito no meu casamento, meu esposo bebia demais e não respeitava a família, muitas vezes tentou matar meus filhos, quando isso acontecia corria para o mato com as crianças tentando protegê-los, esperava meu esposo dormir, então retornava pra casa. No dia seguinte ele não lembrava de nada do que havia acontecido. Meu esposo faleceu muito cedo, tinha apenas 35 anos, ele mesmo tirou a própria vida, tomando veneno. Tenho 15 netos e 7 bisnetos, uma família muito boa, todos trabalhadores e honestos, alguns moram em Pato Branco, outros em Foz do Iguaçu, Paraguai, Mato Grosso e Santa Catarina, consigo reunir a família toda em alguns Natais.

Gosto muito do Centro Dia, me dou bem com todos da equipe, eles me tratam com muito carinho e amor. Adoro ir nos bailinhos com a turma dos idosos, pois me divirto muito. Sou feliz com meus colegas, todos são bem respeitadores.

O Centro Dia é um projeto que tem que continuar, nunca pode parar, faz muito bem para as pessoas de idade, trabalhamos várias atividades, canto, danço, faço pintura, atividades que a nossa família não nos proporciona em casa.

“A vida tem valor quando temos verdadeiros amigos”.

Vidalvina Carneiro

Vidalvina começou a participar no Centro dia em 07 de novembro de 2017, gosta de contar sobre sua família participa todas as atividades proposta pela equipe, e meiga e carinhosa.

Momentos do Espaço de Convivência:

Algumas atividades desenvolvidas diariamente.







PREFEITURA DE
PATO BRANCO

